

# ANO DA VIDA CONSAGRADA: DESEJOS E SONHOS

**UISG BOLETIM**

**NÚMERO 157, 2015**

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>2</b>
<b>A VIDA RELIGIOSA NUM CLIMA DE MUDANÇA EXAMINAR AS FRATURAS</b> <i>Ir. Carmen Sammut, msola</i>	<b>3</b>
<b>ANO DA VIDA CONSAGRADA NARRAR O EVANGELHO DA VIDA</b> <i>Ir. Tiziana Longhitano, sfp</i>	<b>19</b>
<b>RELATÓRIO DO SÍNODO EXTRAORDINÁRIO!</b> <i>Ir. Margaret Muldoon, sfb</i>	<b>25</b>
<b>FAMÍLIA E VIDA CONSAGRADA ENTRE OS SÍNODOS SOBRE A FAMÍLIA</b> <i>P. Enzo Brena, scj</i>	<b>32</b>
<b>O PACTO DAS CATACUMBAS (DOMITILLA) POR UMA IGREJA SERVIDORA E POBRE</b>	<b>39</b>
<b>A VIDA NA UISG</b>	<b>42</b>

## APRESENTAÇÃO

**N**a celebração do Ano da Vida Consagrada são muitos os eventos, livros e celebrações que incidem sobre esta vocação específica de seguir a Cristo no seio da Igreja. Neste boletim, apresentamos uma pequena amostra que abrange diversos aspectos da vida consagrada.

No primeiro artigo *A vida religiosa num clima de mudança – examinar as fraturas*, a **Irmã Carmen Sammut** expõe a instabilidade do nosso mundo sujeito à mudança contínua, muitas vezes em um ritmo trepidante, eles simplesmente não consolidam-se e, obviamente, afetam a vida consagrada. Não vale a pena os lamentos, é o tempo que Deus nos brinda. O desafio é ser criativos e ousados para que os nossos talentos se multipliquem e dem frutos hoje. O que espera o nosso mundo dos religiosos e das religiosas? Como a minha congregação, a minha comunidade, responde as necessidades da sociedade? O que Deus espera de mim, que sou consagrada a Ele?

Na mesma linha, a **Irmã Tiziana Longhitano** apresenta uma síntese das respostas à pergunta: O que se espera - o que nós esperamos, desta celebração do Ano da Vida Consagrada? Muitos revelam seus desejos e sonhos de um novo rosto da vida consagrada enraizada na sua história presente e comprometida com a sua gente, formada por mulheres e homens adultos, testemunhos responsáveis e corajosos de uma vida que continua sendo profética.

A única religiosa participante no Sínodo Extraordinário da Família, **Irmã Margaret Muldoon** nos apresenta qual foi a dinâmica das sessões realizadas no mês de outubro de 2015, assim como os principais temas debatidos e questionados lá. Da sua experiência pessoal ela insiste em sublinhar a vontade de diálogo e abertura para a realidade da família hoje e deixar para trás posições rígidas e fechadas que afastam as pessoas já não só da Igreja, mas da fé em Jesus Cristo.

O **Pe. Enzo Brena** apresenta a complementaridade da vocação à vida consagrada e ao matrimônio, no seu fim comum de expressar o amor de Deus no mundo e na sua maneira particular de viver a missão evangelizadora. Educar na liberdade significa, portanto, oferecer diferentes opções de vida e seguir fielmente a vocação à qual cada um é chamado. E é aí que a nossa sociedade encontra-se com uma grande dificuldade: a fragilidade dos compromissos mais motivados por um desejo de realização pessoal que de encontro com o outro / Outro.

Por último recordamos o *Pacto das Catacumbas (Domitilla)* assinado 50 anos atrás, em 1965, por quase quarenta Bispos, com o objetivo de comprometer-se a ser uma Igreja “servidora e pobre”, ou seja, para voltar ao caminho do Evangelho inculturada em realidades sociais e culturais da vida. O rosto da Igreja credível é o rosto de serviço e missão, simplicidade e humildade, acolhida e compreensão ... especialmente entre os pequenos, os mais vulneráveis, os rejeitados ...

# A VIDA RELIGIOSA NUM CLIMA DE MUDANÇA EXAMINAR AS FRATURAS

Ir. Carmen Sammut, msola

*Irmã Carmen Sammut é Superiora Geral das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora da África. Ela nasceu em Malta. Irmã Carmen é professora por profissão. Como MSOLA, estudou em PISAI, o Instituto Pontifício para estudos árabes e islâmicos, em Roma. Morou 20 anos nos países do norte da África, Mauritânia, Argélia e Tunísia. Ela é a atual presidente da UISG.*

Este artigo foi apresentado no Conselho de Delegadas UISG, Nemi (Roma), 4-11 de fevereiro de 2015.

*Original em inglês*

## Introdução

**V**ivemos no “melhor dos tempos”. Este é o tempo de Deus para nós. É o tempo no qual tudo o que fora feito antes de nós chega atinge a culminância e tudo o que está à nossa frente mostra-se promissor. Através da fé, nós também, sabemos que este é o tempo do Verbo encarnado de Deus ainda estar conosco. É o tempo da manifestação do Espírito expressar-se dentro e através de nós. É um tempo para os nossos sonhos se tornarem realidade. Na Evangelii Gaudium, o Papa descreveu o seu sonho, assim: “Eu sonho com uma “opção missionária”, isto é, um impulso missionário, capaz de transformar tudo, para que os costumes da Igreja, o jeito de fazer as coisas, os tempos e os horários, a linguagem e as estruturas possam ser canalizadas adequadamente para a evangelização do mundo de hoje, e não para a sua auto-preservação” (nº 27).

### 1. Como podemos definir o nosso tempo?

Como poderíamos especificar o nosso tempo? Onde estão os paradoxos? Nós, como parte da sociedade, estamos vivendo o progresso e a regressão, a abundância e a escassez dos tempos. Estamos cercados/as de riqueza e de pessoas que passam fome; estamos tentando, a todo custo, prolongar a vida, e destruindo-a de muitas maneiras; avançamos na liberdade e na dignidade humana e um grande número de pessoas são vítimas da escravidão moderna causada por sistemas injustos, como o tráfico de seres humanos; sabemos do avanço da medicina e somos confrontados/

as com doenças novas ou antigas, mais resistentes aos remédios conhecidos; estamos numa época de intensa comunicação social e de abundantes informações preconceituosas. Estamos num mundo interconectado, mas muitas vezes não percebemos os que estão perto de nós; estamos numa época de interculturalidade, e, ao mesmo tempo, do emergir de ideologias ultra-nacionalistas. Estamos num tempo de grande esperança e de muito desespero; onde falamos do amor e praticamos a indiferença. Reconhecemos que somos administradores/as do nosso planeta e ainda assim agimos como proprietários/as. Conhecemos muitas famílias maravilhosas, mas os valores do compromisso e da fidelidade a longo prazo, do relacionamento humano básico, são colocados em questão. Estamos num ponto de expansão da consciência sobre o universo, sua origem, sua forma de funcionamento e tentamos entender o que isso significa para nós, para a história, para a fé. Estamos numa era de mobilidade contínua das pessoas, originando uma mistura de cultura e de religiões, ainda assim, temos medo uns dos outros e o real conhecimento do outro é, muitas vezes, superficial.

Eu não vou continuar a lista dos paradoxos, mas peço para olhar para os sinais dos tempos atuais. A consciência desses paradoxos nos faz perceber que uma grande parte de pessoas contemporâneas está clamando a Deus, quem quer que elas julguem que Deus seja. Deus está sempre do lado das pessoas oprimidas, das que se sentem perdidas ou descartadas, daquelas que são abandonadas e desprezadas. Deus sempre responde ao clamor delas, enviando alguém. Esta é a história da Bíblia e é a nossa história ainda hoje. Isto é onde nós participamos. Cada um/a de nós é chamado/a, porque Deus ouviu o clamor do povo e Deus tocou nossos corações. Nós somos membros de famílias religiosas porque desejamos escutar o desejo de —Deus neste momento da história, tornando-o nosso. É a missão de Deus que somos chamados/as a assumir o caminhar sobre as fraturas.

E os Institutos? Tudo o que acabo de descrever passa por nossos próprios Institutos. Não se trata de nós e eles, trata-se de nós. Numa época de avanço da medicina, os nossos membros, e nós, é claro, vivemos mais tempo. Sabemos da riqueza que são os membros com mais idade. Na minha pequena congregação, temos cinco Irmãs que têm mais de 100 anos e, além disso, um pequeno número de membros ingressam. Desta forma, o conseqüente envelhecimento é ainda maior. Isto é uma realidade para os Institutos Religiosos das Américas, Europa e Austrália, enquanto em algumas partes da África e da Ásia há um aumento no número de vocações. Nossas Congregações estão se tornando cada vez mais interculturais, com os desafios que isso traz. Dentro de nossas comunidades, encontramos diferentes correntes de pensamento na teologia, de formas de rezar de compreensão dos votos e de vida comunitária.

Nós tivemos que enfrentar a nossa própria pobreza, lidar com tudo o que aforou com o abuso sexual de crianças pelo clero. Este é, sem dúvida, um crime terrível e nós lamentamos profundamente. Sabemos do impacto e dano que isso causou às crianças e a adultos vulneráveis. Deixou-nos com vergonha e perda de

credibilidade. E, pertencer à nossa raça já não é tão honroso. Ao mesmo tempo, aprendemos que o que está acontecendo do lado de fora de nossas Congregações, também ocorre dentro de nossas casas, quer queiramos admitir ou não. E isso inclui todas as formas de exclusão, ciúme, competição, passividade, preocupação com o próprio eu e tantas outras que poderiam ser nomeadas. Isto, porém não nos resume e não diz tudo sobre nós. Sua importância está no fato de revelar que nós não somos as salvadoras, mas somos pessoas que necessitam de serem salvas, que são tão pobres e necessitadas como aquelas pessoas a quem servimos. Bem-vindos/as à humanidade, voltemos ao planeta Terra. A consciência desta realidade muda a visão que temos de nós mesmos, das outras pessoas, de Deus e da missão. E isso pode ser muito bom. É claro que, em nosso meio há muitas pessoas, homens e mulheres, corajosas, fiéis e dedicadas, que em muitos aspectos continuam a trazer vida e esperança para o mundo. Em todos os seres humanos coexistem o melhor e o pior.

## **2. Qual seria o desejo de Deus para o mundo e como torná-lo realidade?**

Nós só podemos tentar adivinhar o desejo de Deus se tivermos estudado a vida de Jesus de Nazaré e de seus discípulos, da Igreja, ao longo dos séculos, e a chama que herdamos de nossos fundadores e fundadoras. Este é o apelo feito a nós quando pronunciamos os votos e proclamamos publicamente o desejo de viver relações justas pelo celibato, de discernimento constante em comunidade, de doação de tudo o que somos e temos para colaborar para que o sonho de Deus se torne realidade para o nosso mundo. Apresento, pois, algumas ponderações que poderão ser ampliadas, posteriormente.

### ***a) Incluir todas as pessoas***

O Papa Francisco em EG 23 escreve: “A alegria do Evangelho é para todas as pessoas: Ninguém pode ser excluído”.

Gostaria de falar aqui sobre uma pessoa que foi significativa em minha vida como Irmã missionária religiosa no norte da África, onde passei 28 anos. A primeira vez que ouvi alguém descrever a nossa presença missionária como vivendo sobre as linhas falhas, foi na Argélia, no final de 1980. Esta pessoa é Dom Pierre Claverie, bispo de Oran, frade dominicano, já falecido. Pierre nasceu na Argélia em 1938 e lá passou a sua infância. Era filho de uma família francesa que tinha estado na Argélia há quatro gerações. Aos vinte anos, ele percebeu que tinha passado sua vida fechada no que chamou de “bolha colonial”, sem se dar conta, ignorando e negando que as pessoas, no país em que vivia, formavam o povo argelino, os muçulmanos. Quando deu-se conta disso, sentiu-se impelido a ajustar-se ao outro e esta conversão esteve na origem de sua vocação religiosa. Durante sua juventude, na Igreja, ele tinha ouvido homilias sobre o amor ao próximo. No entanto, ele nunca tinha ouvido falar (mesmo que houvesse sido dito) que os argelinos, os árabes, eram seu próximo. Fez-se necessário que acolhesse esta descoberta, para permitir-se viver com o outro,

deixar-se modelar pelo outro. Foi preciso que rompesse as barreiras para que não houvesse mais exclusão nem rejeição mútuas. Ele teve que mudar seu esquema mental, o que tinha aprendido como criança, a fim de abrir espaço em sua mente, em sua imaginação e em sua maneira de viver com o outro, o outro que se encontrava tão próximo e ao mesmo tempo era tão diferente.

Acredito que nós, que escolhemos seguir a Cristo na vida religiosa, somos continuamente desafiados/as a fazer isso. Somos desafiados/as a abrir os olhos, olhar a nossa volta, para identificar as pessoas que nossos olhos não veem, por causa da visão de mundo que herdamos, por causa dos medos e preconceitos que temos. Isto exige a coragem de mudar a maneira como vemos, como fazemos e somos. À medida que o tempo passa, percebo que há sempre pessoas que não são notadas por mim, que são quase invisíveis em nossas sociedades e, por vezes, em nossas próprias congregações, mesmo em Roma. Podemos, então, nos perguntar: quem são as pessoas que escolhemos não ver por causa de suas diferentes religiões, ou filosofias, ou origem, ou cultura, ou posição social, ou idade ou forma de vestir ou orientação sexual, ou carácter, ou tendências teológicas ou o que quer que seja? Poderíamos nos questionar: quem são as pessoas invisíveis em nossas sociedades, Igrejas, Institutos? O que está nos impedindo de voltar o olhar na direção delas? Lembremos que Jesus permitiu à mulher siro-fenícia a desafιά-lo nos preconceitos que ele herdara e a expandir a sua visão.

### ***b) Ser parteiras***

A vida de Jesus nos ensina não só a servir às pessoas em suas necessidades, indo ao encontro das que normalmente evitamos ou não vemos, mas também a escutar suas histórias, a ouvir o que está acontecendo com elas. É preciso que tenhamos os ouvidos de uma parteira, que escutemos como ela ou ele escuta o coração de uma criança recém-nascida, que escutemos atentamente as aspirações das pessoas. É necessário prestar atenção para perceber quais são os profundos desejos dessa pessoa e deste povo, mesmo que sejam expressos de forma agressiva. Qual é o sofrimento que está presente ali? O que o Espírito de Deus está trazendo à luz? Este é um apelo às nossas comunidades para discernir num clima de oração o que vemos, ouvimos e tocamos, a fim de responder e agir de forma a “não quebrar o caniço rachado ou apagar o pavio fumegante” (Is.42,4). Muitas vezes, além do nosso trabalho nas escolas, bibliotecas, centros de saúde, somos chamadas a acompanhar mulheres que foram abusadas sexualmente ou outras pessoas que desejam a liberdade. A liberdade de comprar suas próprias roupas ou de escolher o próprio marido, em vez de conceder esta possibilidade, este direito a um pai que se diz todo-poderoso. Isso pressupõe muitos anos de caminhada junto, de escuta do coração um do outro. Desta forma, nós testemunhamos o Espírito de Deus suspirando por uma vida nova. Esta experiência ajudou-me a reconhecer o Espírito de Deus presente nestes nossos irmãos e irmãs que chegam a Deus por intermédio do Islã. Precisei passar por um processo de conversão para que eu pudesse ver o Islã como parte do infinito plano amoroso de Deus para a humanidade.

Tenho certeza que vocês, que encontram-se em contextos diversos, também ouvem o apelo de serem parteiras, de acompanhar tudo o que está suspirando por viver, querendo irromper. Gosto muito da imagem da parteira, pois é ela ou ele que está lá no momento do nascimento, um momento cheio de dor e de esperança, de morrer para um novo tipo de relação para com o ser que nasce para uma vida nova. O chamado para seguir Jesus e conhecer o Espírito de Deus, vivo no coração de cada pessoa que encontramos, pode ser um momento angustiante, porque muitas vezes significa estar lá onde há alguma forma de sofrimento e até de dor e de violência. Como as parteiras, não temos nenhuma forma de controle sobre quem a criança será, sobre as circunstâncias de sua concepção, sobre o jeito que a vida vai evoluir. Isto também é parte da generosidade e do desapego que nos é pedido em nosso exercício ministerial e de liderança.

### ***c) Acompanhar a vivência das Bem Aventuranças***

Vivemos numa época em que a confiança nos líderes políticos ou religiosos é posta à prova. Um abismo se abriu. Povos inteiros percebem que nasceram com dignidade e que esta não lhes pode ser roubada. Testemunhei a revolta da juventude tunisiana, no dia 14 de Janeiro de 2011. Entendi que não se pode oprimir um povo para sempre, que os ditadores podem tirar tudo de um povo, a sua liberdade, as suas riquezas, os seus direitos, mas não a sua dignidade. E quando eles se tornam conscientes de que isto é posto em causa, não apenas individualmente, mas coletivamente, a rebelião é a única saída. Tenho visto multidões de jovens e idosos, gritando basta, que Ben Ali tinha que sair. Foi interessante ver um povo que, habitualmente é tão pacífico, estar pronto para morrer por sua liberdade, por sua dignidade, para que seus filhos possam herdar uma sociedade diferente. Eu compreendi: “Bem-aventurados os aflitos (o gentil, mas veja a nota na Bíblia de Jerusalém) porque eles herdarão a terra”. E uma vez que o primeiro governo, democraticamente eleito, começou a tornar-se um ditador, desta vez do lado religioso, o povo saiu novamente às ruas. E quando este governo queria restringir a liberdade das mulheres, da mesma forma, saíram às ruas. Hoje eles têm uma Constituição da qual podem se orgulhar, mesmo que ainda necessite de melhorias. Isto trouxe-me presente o Magnificat: “Deus depõe dos tronos os poderosos e eleva os humildes”.

Qual é a missão de Deus neste contexto de busca para viver plenamente a dignidade humana? Para viver as bem-aventuranças? Não preciso mencionar o flagelo do tráfico de seres humanos, presente em todos os lugares. Os refugiados e migrantes fugindo de situações injustas e impossíveis. Como somos a presença de Deus nessas situações? Como podemos gritar de raiva pela situação difícil destas pessoas? O que podemos fazer para melhorar as condições de vida e trabalho em seus países de origem? Como podemos, juntos, colocar pressão sobre as empresas nacionais e multinacionais, a fim de que tratem as pessoas que empregam com dignidade e justiça? Como podemos unir-nos para fazer com que o nosso dinheiro seja investido de forma socialmente responsável, não excluindo apenas certos



produtos e condições de trabalho injustas, mas para garantir que os nossos investimentos tenham um impacto social positivo?

#### **d) Colocar-nos com Jesus na Cruz**

Caminhar sobre as fraturas é permitir-nos estar com o povo, no meio de contradições, conflitos, dificuldades, inseguranças, incertezas e não fugir. É exatamente neste espaço onde as coisas parecem mais caóticas, que Deus está conosco. Como lemos em EG 268 “Missão é ao mesmo tempo uma paixão por Jesus e uma paixão por seu povo. Quando estamos diante de Jesus crucificado, vemos a profundidade do seu amor que se enaltece e nos sustenta; mas, ao mesmo tempo, a menos que sejamos cegos, começamos a perceber que o olhar de Jesus, olhar ardente de amor, se expande para abraçar todo o seu povo”. Isto implica muita paciência e um olhar amoroso profundo, que transcende os acontecimentos, e chega até a essência de cada pessoa e de cada povo. A missão exige que sejamos pessoas contemplativas, que deixemos nosso coração ser transformado pela contemplação de Cristo e nos conduzir para a ação. Isso também significa não rejeitar qualquer parte da humanidade.

Como pessoas que seguem Jesus, somos enviadas a ser servos/as da Boa Nova da reconciliação entre Deus e a humanidade. Somos mediadores/as, totalmente doados/as a Deus e aos outros. Somos colocados/as com Jesus, onde a história e o Reino de Deus se encontram.

A Cruz é o lugar onde Jesus morreu, entre o céu e a terra, com os braços abertos para reunir todos os filhos/as de Deus dispersos/as por causa do pecado que os separa, que os isola e os coloca uns contra os outros e contra Deus. Como lemos em Efésios 2,13-18 “Seu propósito, deste modo, foi para o restabelecimento da paz, para criar uma única humanidade nova, dos dois povos, e por meio da cruz, reconciliar ambos com Deus num Corpo; em sua própria pessoa ele matou a hostilidade”.

Jesus na Cruz, não escolhe lados, ele não rejeita uma parte da humanidade. Ele tenta manter os dois lados juntos. “Pai, perdoa-lhes”. A reconciliação tem seu preço alto. É mais fácil tomar partido, condenar, do que permanecer aberto a todas as possibilidades. Isto vai além da generosidade e da caridade. Pierre Claverie continuamente nos dizia que a Igreja não é apenas uma organização multinacional fazendo obras de caridade. A cruz deve permanecer central na nossa vida. E assim, precisamos estar prontos/as para dar nossas vidas, até o supremo testemunho de amor. Podemos lembrar aqui o gesto do Papa Francisco, convidando os dois presidentes, da Palestina e de Israel, para a casa dele, no Vaticano, para rezar pela paz, uma reunião que ocorreu no Domingo de Pentecostes. A reconciliação é um ato de coragem. Tenho conhecimento de um pai cujo filho estava saindo da prisão e que veio rezar na Basílica de Nossa Senhora da África especialmente para ter a força e a sabedoria necessárias para recebê-lo de volta.



Às vezes, nós também precisamos ser agentes de reconciliação dentro das nossas comunidades cristãs. Algumas vezes, descobrimos que é mais difícil se aproximar e se reconciliar com os cristãos evangélicos, que têm um conceito diferente de missão e diferentes formas de abordar as pessoas, do que trabalhar com muçulmanos. Que luz o mistério pascal lança em tais situações?

A questão para nós é: Qual é o significado de nossas vidas? Somos chamados/as a nos doar pelas pessoas, através de uma atenção, um serviço, um sorriso, compartilhando a vida que está em nós. Vida que se torna Eucaristia. Vida que se doa até o fim. É Jesus quem realiza hoje, em nós, o sentido da sua vida e nos faz estar prontos/as para dar a vida para o outro, não apenas para as pessoas que amamos... Em 1º de agosto de 1996, a vida de Pierre foi tomada junto com a vida de seu jovem amigo argelino, Mohammed, que o havia conduzido do aeroporto.

Qual é o apelo que ouvimos? O que está quebrando em nossa sociedade e em nossas congregações? Qual é o choque que está sendo experimentado? Onde estamos sendo chamados/as a ser agentes de reconciliação? Como somos chamadas a dar a nossa vida aqui e agora?

### ***e) Cuidar da Criação***

À medida que desenvolvemos uma atitude contemplativa para com a criação, sabemos que tudo o que fazemos numa parte do planeta tem efeitos duradouros sobre todos nós. Quer queiramos ou não, estamos interligados. Alguns de nós temos lucrado, por muito tempo, com as riquezas do planeta sem considerar o efeito que isso pode ter sobre o clima, ou sobre a saúde dos indivíduos, ou na estabilidade econômica, política e social das pessoas de quem nós tomamos as riquezas. Sabemos, hoje, que, em relação a isso, temos que fazer algo ou vamos deixar uma herança muito pobre para as gerações futuras. Somos chamadas a ser administradoras/as e não proprietárias/as da criação. Em muitos países da África, a mineração, por exemplo, beneficiou os países ricos, e alguns indivíduos, e não há respeito ao meio ambiente. Sei que há uma discussão sobre uma nova mina de carvão em Queensland, que terá efeitos desastrosos para o meio ambiente e ela passa através de propriedades de gado. A criação é também nossa responsabilidade. Sei que muitos grupos de religiosos/as têm empenhado tempo e esforço na sensibilização e nas propostas de ações. A UISG tem vários grupos de trabalho: Justiça e Paz e Integridade da Criação, promotores da Justiça e Paz.

O que tenho apresentado até aqui aplica-se tanto dentro de nossas próprias comunidades, quanto fora. Debruçar-me-ei agora sobre algumas situações mais específicas para nossas congregações.

### **3. Qual seria o desejo de Deus para as nossas comunidades hoje?**

O nosso Deus é humilde. Ele nos criou para ser a sua imagem e semelhança. No entanto, nós não gostamos muito disso. Inconscientemente, preferimos a

imagem de um Deus forte, robusto, que nos permite exercer o nosso senhorio sobre as outras pessoas. Mas esta é apenas uma falsa imagem que fazemos. Como Deus está tentando tornar sua humildade ativa em nós?

Já comentei um pouco sobre como vejo o escândalo do abuso sexual convidando-nos para um lugar mais humilde. Perdemos nossas auréolas e Deus não está nos pedindo para encontrá-las novamente. Além de sermos justas e solidárias com as vítimas, Deus está nos pedindo para estar ao pé da cruz, com as pessoas que sofrem e, por vezes, com aquelas que são mal julgadas, mal-afamadas, suspeitas, isoladas, incompreendidas, postas de lado. Assim como este lugar foi o bastante bom para Jesus, ele deve ser suficientemente bom para nós. Precisamos escolher estar com Cristo neste lugar, com o grande número de mulheres, homens e crianças que já estão lá.

### **a) Nossas Instituições**

Quando já não podemos gerenciar as instituições que prezamos, ou elas nos forem tiradas, ou temos que decidir entregá-las, nós entramos num espaço diferente. Entramos num novo lugar e temos de nos definir de novas maneiras. É um momento difícil, mas cheio de graça, pois nós, religiosos/as, tínhamos sido, pelo menos em alguns lugares, muito identificados/as com os serviços, com as instituições que administramos tão bem. Perdemos, de alguma forma, o nosso ser à margem da Igreja, sendo a sua voz profética.

Este despojamento foi uma graça tão grande para a Igreja e para as comunidades religiosas no norte da África nos anos 70, quando as escolas e os hospitais foram nacionalizados, quando um grande número de religiosos/as e sacerdotes deixaram a Argélia e a Tunísia, porque quase não havia mais cristãos naqueles países. Apenas um pequeno remanescente permaneceu. Sua motivação para ficar teve que ser radicalmente diferente daquela que os tinha levado para lá em primeiro lugar. Já não era necessário estar lá para ensinar ou para cuidar dos doentes, para catequizar ou para pregar. O propósito para ficar tinha que ser redefinido. As comunidades que foram deixadas sabiam que estavam lá como um testemunho de que o Deus de Jesus Cristo não abandona o povo. Elas se tornaram tão pequenas quanto uma pitada de fermento na grande massa da população muçulmana local. E posso garantir a vocês que não é insignificante ter apenas dois cristãos em uma escola pública, onde todos os funcionários e alunos são muçulmanos. Eu sinto que, na Europa, nas Américas e, provavelmente aqui, somos hoje chamados/as a uma escolha radical. Precisamos olhar para as mudanças significativas em nossas comunidades e na sociedade de modo a fazer novas escolhas para continuar a responder, de forma criativa, o apelo de Deus sempre renovado.

Algumas congregações religiosas criaram associações de leigos que querem continuar suas escolas, centros de saúde ou outras obras no espírito de seu carisma. Outras optam por ir para empreendimentos inter-congregacionais. Sei de congregações que têm sido muito criativas para converter suas instituições, para

responder às novas necessidades, sempre ligadas aos leigos.

### **b) Uma população com idade avançada dentro de nossas Congregações**

A organização de nossos Institutos para cuidar de nossos membros que estão avançando em idade levou-nos a fazer algumas escolhas difíceis. Algumas de nossas Congregações decidiram deixar os membros mais jovens onde estão e convidar os membros mais idosos a ir para casas de repouso, onde são cuidados por pessoas leigas e, em muitos casos, vivem com outras pessoas idosas de todas as esferas da vida. Eles assumiram, na maioria das vezes, com muita generosidade e alegria, porque a Congregação pode continuar a missão que lhe foi confiada, tanto através de seus novos membros como através deles, pois continuam sendo missionários onde quer que estejam, pelas suas atitudes, ações e orações. Para que isso aconteça, são necessárias sessões de formação permanente para os grupos de pessoas de mais idade, assim como para aquelas que estão na faixa etária dos 60 e para os que estão nos seus 70 anos. Precisamos encorajar e formar os membros a permanecerem ativos até o fim.

Também, por causa da mudança em número e em força física, precisamos lembrar que somos servos/as não senhores/as, e que nós não somos chamados/as a fazer tudo, nem para ir além das nossas forças. Nós, às vezes, estamos colocando fardos insuportáveis em alguns de nossos membros de meia-idade ou mais de mais velhos a fim de manter estruturas que podem não ser mais tão necessárias. Nós precisamos adaptar o nosso serviço e nossas estruturas não só para o mundo exterior, mas também para o que nós nos tornamos. Este é o lugar onde a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica pode nos ajudar, ao concordar com a organização de novas estruturas, onde a nossa liderança possa incluir também pessoas leigas. Deus está no real, no AGORA.

Gosto de lembrar este texto de Oscar Romero (1917–1980)

*Um futuro que não nos pertence*

*Ajuda, de vez em quando, a recuar um pouco  
e ver o que pode acontecer a longo prazo.*

*O Reino não está somente além dos nossos esforços;  
ele está além de nossa visão.*

*Durante a nossa vida cumprimos apenas uma pequena fração  
da magnífica realização que é a obra de Deus.*

*Nada do que fazemos é completo,*

*o que é outro jeito de dizer que o Reino está sempre além de nós.*

*Isto é o que fazemos. Plantamos as sementes que um dia crescerão.*

*Regamos sementes já plantadas,*

*sabendo que elas carregam promessas futuras.*

*Colocamos alicerces que precisarão de desenvolvimentos adicionais.*

*Colocamos fermento que produz resultados*

*muito além de nossas capacidades.  
Não podemos fazer tudo,  
e há um sentido de libertação ao perceber isto.  
Isto nos permite fazer algo, e fazê-lo muito bem.  
Pode ser incompleto, mas é um começo,  
um primeiro passo para um longo caminho,  
uma oportunidade para a graça do Senhor entrar e fazer o que falta.  
Podemos nunca ver os resultados,  
mas esta é a diferença entre o construtor e o trabalhador.  
Somos os trabalhadores, não os construtores,  
não os ministros, não os messias.  
Somos profetas de um futuro que não é o nosso.*

### **c) Membros mais novos**

Na maioria das nossas congregações os novos membros não são muito numerosos. Eles são tão diferentes entre si como os membros mais velhos o são, mas existem algumas características mais ou menos comuns. Eles estão vindo de um mundo digital e na maioria das vezes, acostumados a estar inter-<sup>rm</sup>:conectados. Eles estão muitas vezes à procura de uma experiência comunitária, onde se sintam à vontade. Desejam ser parte de uma missão corporativa, como corpo. Eles gostariam de mostrar sua identidade, através de algum tipo de sinal externo. Isto traz consigo um dilema importante. Os membros mais velhos (falo de minha congregação) tinham passado pela desistência do hábito religioso, pelo tempo de mesa de refeição estrito, pela forma monástica de vida e de oração, pelas instituições, como escolas e centros de saúde pertencentes à Congregação. Eles ficaram felizes de fazer parte da multidão, não imediatamente visíveis. E aqui chega um grupo de Irmãs mais jovens, que, de alguma forma, veem a necessidade de reiniciar instituições e torná-las exteriormente reconhecíveis. O debate deve permanecer aberto. O que acho interessante é tentar formular as motivações para as nossas escolhas, de modo que elas não sejam impostas do exterior ou por um ou outro grupo, mas cresçam a partir da finalidade do Instituto.

Os membros mais jovens trazem para nós a sua jovialidade, os seus desejos, as suas questões, o seu entusiasmo e suas formas de fazer e de ser. Como são menor em número, nós podemos cair na tentação de vê-los como perpetuamente jovens, o que na verdade significa ser incapazes de tomar grandes responsabilidades na congregação. Assim, privamo-nos de seus conhecimentos, da sua criatividade jovial. É também importante que eles tenham espaço onde possam se reunir com outros/as jovens religiosos/as, para encorajarem-se mutuamente, e também com os membros mais velhos do próprio Instituto para que possam aprender uns dos outros.

Os membros mais jovens não estão necessariamente vindo dos países de onde a maioria das Congregações se origina. Isto traz um sentimento de perda para o grupo dominante mais envelhecido, embora sintam-se felizes em saber que membros

mais jovens estão ingressando no Instituto.

#### **d) Nossa realidade intercultural**

Muitas das nossas comunidades tornaram-se interculturais, assim como nossos países. A interculturalidade, especialmente quando se vive em países com minorias oprimidas, é um forte testemunho em si mesmo. É também um grande desafio. Quando morava na Maurítânia, isso era bem evidente entre os grupos étnicos negro-africanos na maneira como eram desprezados pelo grupo de língua árabe e dentro de alguns dos grupos também existem as classes sociais. Ver-nos vivendo juntas, membros da Europa, América e África, como uma família, era um testemunho em si. A abertura de nossas casas para quem quisesse vir até nós, era outro testemunho.

Gosto muito da imagem de Sieger Köder que me faz lembrar que as nossas comunidades são um milagre constante. No fundo está a parábola do Pai Misericordioso - Lc 15,1-3,11-32. Em frente está a comunidade formada por personagens muito diferentes, assim como as comunidades locais e globais que formamos. O grupo é muito diversificado: um prisioneiro ferido, uma senhora da classe alta com véu, um homem de óculos, um palhaço que parece triste, uma senhora curvada que não se atreve a olhar para Jesus, uma prostituta, um rabino... Eles são 7, um número que significa totalidade, plenitude. Na verdade, poder-se-ia dizer que eles não têm muito em comum, exceto aquelas duas mãos abertas que ostentam a marca dos pregos, e segurando o pão, os une na mesma mesa. Na comunidade intercultural, como nesta foto, somos todos pobres que necessitam de cura e de plenitude. Muitas vezes temos diferenças que giram em torno do poder, relações com a família, confiança, hospitalidade, identidade cultural, dinheiro... Para falar sobre estas questões, para tentar entender um ao outro, para conhecer a visão do mundo em que cada um está pensando e agindo, aproximamo-nos e isso nos permite resolver os conflitos através da negociação. Na minha congregação, muitas vezes nos orgulhamos de nossas diferenças, pois sempre fomos um grupo intercultural. No entanto, para que as nossas diferenças se tornem um dom, capaz de enriquecer a todas e enriquecer as pessoas, temos de trabalhar duro e trabalhar constantemente. Este é um exercício muito exigente, que assegura que podemos lidar com os conflitos construtivamente.

### **4. A liderança num clima de mudança**

#### **a) Chamados/as a sermos líderes excêntricas**

Como pessoas líderes, precisamos colocar o centro das nossas preocupações não tanto na auto-preservação, mas num êxodo de nós mesmas. Em maio de 2013, no encontro com a Assembléia Geral da UISG, o Papa Francisco disse:

*“É Cristo que as chamou para segui-lo na vida consagrada e isto significa fazer continuamente um “êxodo” de si mesmas, a fim de centrar a vida em Cristo e no seu Evangelho, na vontade de Deus, deixando de*

*lado os seus próprios planos, a fim de dizer com São Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2:20). Este “êxodo” de nós mesmos significa estabelecer um caminho de adoração e de serviço. O êxodo nos leva a uma jornada de adorar o Senhor e de servi-lo em nossos irmãos e irmãs. Adorar e servir: duas atitudes que não podem ser separadas, mas devem sempre andar de mãos dadas. Adorar o Senhor e servir aos outros, mantendo nada para si mesmo: este é o “aniquilamento” de quem exerce a autoridade. Vivam e lembrem-se sempre da centralidade de Cristo, a identidade evangélica da vida consagrada. Ajudem as suas comunidades a viver o “êxodo” de si própria num caminho de adoração e serviço, acima de tudo através dos três pilares de sua vida”.*

Como líderes de grupos que não têm a si mesmas como o centro, um dos nossos pontos fortes é a oração e o discernimento. Somos chamadas a ser pessoas líderes servas, conhecidas por nossa capacidade de ouvir e “ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”. A contemplação nos leva para fora de nós, de modo a reconhecer o rosto de Deus e o Deus que chama e está escondido na realidade que não seríamos capazes de detectar se não tomássemos bastante tempo de silêncio com Deus. Outra característica para nós é “o envio” como pessoas discípulas missionárias. Como líderes, precisamos fazer o envio a todos os membros, pois isso lhes dá coragem para continuar a estar vivas e a sair em direção a Deus e às outras pessoas, independentemente da idade. Seria terrível morrer enquanto ainda se tem tantos anos de vida. Às vezes fico espantada com o zelo missionário das Irmãs que já estão na casa de repouso. Formalizar o envio, até mesmo para enfermarias revelou-se uma grande força. A Irmã sabe que ela está lá em nome da Congregação, para continuar a viver a nossa missão comum. Muitas têm entendido que, mesmo a partir de uma cadeira de rodas pode-se ir aos outros.

É preciso que nos perguntemos: como Deus está trabalhando através de nossa Congregação para fazer a diferença nos contextos onde estamos? Qual a influência que temos sobre o contexto internacional do mundo? Como é que vamos para os outros para apoiá-los em seu próprio serviço? O maior grupo ativo de Justiça e Paz, de nossa Congregação, está no Canadá, onde a média de idade é de 83 anos.

### **b) Líderes com um mapa**

Há algum tempo atrás, um jovem casal, obviamente turista, parou-me em Roma para pedir informações sobre lugares. Eu podia mais ou menos indicar-lhe a direção do local que estava procurando, mas vendo um mapa em suas mãos, disse: podemos olhar para o mapa. O casal respondeu que não queria olhar para o mapa. Eles queriam pedir informações para pessoas. Isto é perigoso, porque raramente tenho encontrado alguém que diga que não sabe e pode indicar a direção oposta. Como líderes, temos um mapa: os Evangelhos, o nosso carisma, os escritos dos nossos fundadores/as, o objetivo real de nossos institutos, as orientações dos capítulos, os documentos da Igreja... Em muitos de nossos institutos substituímos

as estruturas hierárquicas por outras, mais colaborativas e circulares. Temos o objetivo de trabalho em equipe, temos as redes. Estas novas estruturas visam uma participação máxima de todos os membros. No entanto, as estruturas só funcionam se servem ao propósito de nossos institutos. Como líderes, temos de apontar para o nosso mapa, para que o discernimento comunitário, a reflexão orante e os momentos contemplativos decorram desses fundamentos. Precisamos não só de um mapa, mas de caminhantes, daquelas pessoas que têm caminhado conosco, que nos viram agir e ser, e que podem nos ajudar a discernir o caminho pela frente.

### ***c) Líderes que gostam de contar histórias***

Uma das maneiras de reunir os membros é convidá-los a contar a história de sua vocação uns aos outros, quer tenham vivido no Instituto dois ou mais de 60 anos. É um exercício que mostra onde se encontra a nossa unidade real. A partilha de como estamos vivendo o carisma do Instituto, em contextos atuais, revela que a idade realmente não nos separa e o que faz o nosso coração pulsar é muito semelhante.

O trabalho a partir das histórias individuais nos grupos inter-geracionais, para discernir um propósito comum, ajuda os membros a se entenderem mutuamente. Nosso propósito não é tanto o que fazemos, mas quem somos na Igreja e na sociedade de hoje. Tem a ver com nossa visão, nossos valores, nossas crenças, nossos desejos. Quando nos comunicamos neste nível, estamos em contato com uma grande quantidade de energia, de alegria e de esperança que nos sustenta no dia-a-dia. Como os discípulos de Emaús, que reconheceram o estranho no partir do pão, nós também somos capazes de reconhecer seu traço em nossas vidas e nos alegramos, mesmo se ele parece desaparecer de nossa vista no presente. Desta forma, podemos prosseguir com confiança. Na verdade contar histórias nos enche de coragem e nos prepara para a mudança, por ousar novos empreendimentos que garantam a fidelidade criativa ao carisma.

### ***d) Líderes com olhos que veem a abundância***

Numa situação de crise, tendemos a ver o que não está ali. Quando pensamos na necessidade de membros para ocupar a função de liderança, lamentamos que eles não estejam prontos. Quando chega uma oportunidade para algum tipo de serviço, ficamos desoladas por não termos condições de responder. E esta é verdadeiramente a nossa situação, mas às vezes nós vemos tanta escassez e deixamos de ver a abundância. No ano passado, os nossos dois institutos (Missionários da África, homens e mulheres) queriam celebrar o 125º aniversário da campanha antiescravidão do nosso fundador. Pedimos às lideranças, em todos os países, para tentar organizar algo, Padres, Irmãos e Irmãs juntos. Um país decidiu que eles eram velhos demais para fazer qualquer coisa. Na ocasião, uma das Irmãs, que vive em uma casa, recebeu a visita de uma amiga, que é jornalista. Ela estava conversando com ela sobre este evento. Esta senhora ficou tão entusiasmada que começou a telefonar para as associações que lutam contra a escravidão moderna. Foi uma das melhores manifestações da ocasião.



Estamos acostumados/as a ser autosuficientes, e muitas vezes não conseguimos ver a abundância que está ao nosso redor: leigos generosos e comprometidos, outras congregações que também desejam responder a novos apelos apostólicos. O projeto do Sudão do Sul é um empreendimento deste tipo. Vários Institutos religiosos estão trabalhando juntos. Alguns se uniram para fins mais práticos, como para cuidar de seus membros doentes e idosos ou para compartilhar um generalato. A fusão de institutos também acontece e isso não é fácil, nem acontece sem sofrimento; é uma boa opção para as congregações que têm carismas ou origens semelhantes. É preciso estar tudo bem preparado e, depois, agir. O trabalho em rede é um dos mais poderosos meios, a fim de romper com os limites, com as bordas e unir forças por razões de serviços e apostolados.

Existe sempre algo mais do que aquilo que os nossos olhos veem. Quando ousamos ver a abundância, nos tornamos mais contemplativos/as e mais agradecidos/as. Deparamo-nos com uma boa quantidade de energia que ajuda os nossos membros a ter mais confiança e coragem

### ***e) Líderes com espinha dorsal flexível***

A pessoa líder, nas circunstâncias de hoje, precisa ser flexível, saber como se ajustar, fazer conexões, mudar.

Isto me faz pensar num poema de Pablo Neruda (1904 – 1973)

*Morre lentamente...*

*Quem se transforma em escravo do hábito*

*Repetindo todos os dias os mesmos trajetos,*

*Quem não muda de marca,*

*Não se arrisca a vestir uma nova cor ou*

*Não conversa com quem não conhece.*

*Morre lentamente...*

*Morre lentamente,*

*quem abandona um projeto antes de iniciá-lo,*

*não pergunta sobre um assunto que desconhece*

*ou não responde quando lhe indagam sobre algo que sabe.*

*Morre lentamente...*

*Evitemos a morte em doses suaves,*

*recordando sempre que estar vivo exige um esforço muito maior  
que o simples fato de respirar.*

*Somente a perseverança fará com que conquistemos  
um estágio esplêndido de felicidade.”*

Estamos na encruzilhada entre o velho que está desaparecendo rapidamente e o novo que ainda não nos é muito claro. É essa incerteza que nossos contemporâneos também enfrentam muitas vezes sobre o emprego, a estabilidade econômica, a

mudança climática, o efeito da violência. A fé nos diz que Deus está neste lugar, embora tenhamos dificuldade em reconhecer.

Como líderes, precisamos de mente aberta para ver o mundo com olhos renovados e não nos apegar a velhas formas de pensar. Precisamos de um coração aberto, a fim de ver a situação através dos olhos daqueles que sofrem e ser capaz de mostrar empatia. Precisamos de uma vontade livre para ser capaz de deixar para trás o que não é mais necessário ou apropriado e deixar o novo entrar. Precisamos acolher novas possibilidades. Precisamos ser capazes de ouvir, não só para que sejamos confirmadas no que já sabemos, ou para obter informações, mas para sentir o que está querendo emergir.

As pessoas líderes, com uma espinha dorsal flexível, escolhem o discernimento como seu modo de vida. Elas são capazes de chamar seus membros para esta caminhada. Elas estão abertas para a novidade que o Espírito está sempre fazendo emergir. E são apaixonadas por tudo isso.

Este não é um lugar muito confortável para se estar, porque nós preferimos as certezas, as respostas prontas, ao invés de rezar, refletir e andar por um caminho incerto. Nós, também, podemos cansar de tantas mudanças e desejar que tudo isso esteja no passado. Certamente, esta não é a mensagem que um universo em constante evolução nos transmite.

### ***f) Líderes com uma confiança igual à da criança***

Somos como nômades que passam através de um deserto em busca de um oásis. Precisamos de todo o empenho, de fé e de confiança para escutar e esperar pacientemente pela nova Palavra que Deus está falando em nossos tempos. Precisamos também da esperança e da coragem de cada membro para fortalecer a nossa fé. Uma jovem que queria pregar uma peça numa Irmã mais velha, disse-me uma vez: “Torne-se uma criança”! Muitas vezes penso sobre isto na minha posição. Precisamos nos tornar tão confiantes como uma criança, capazes de dar o passo que nosso Instituto precisa hoje, depois de reflexão, de diálogo, de oração e discernimento. Precisamos deixar cair a necessidade de ser perfeito/a, ou a necessidade de encontrar soluções de longo prazo. A idéia de tempo e de espaço, hoje, não permitem mais ‘pensar’ em longo prazo.

Precisamos ser líderes que mantêm viva a paixão dos nossos membros e que os levam a contemplar e discernir o que o Espírito está nos revelando. Precisamos ser pessoas que não só trabalham e atuam, mas também que se alegram com no trabalho de eus hoje, em ser discípulos/as missionários/as. Precisamos levar nossos membros a refletir sobre a experiência que fazem à luz da mensagem do Evangelho, a se deixarem perturbar por novas realidades, pela pobreza de todos os tipos, para serem capazes de deixar para trás o familiar, a fim de arriscar nas novas possibilidades, que o presente está indicando.

## 5. Continuar a reflexão

Nossa paixão por Deus e pelos outros, incluindo nossos membros, levam-nos a nos envolver com o coração, mente e vontade na busca da realização do desejo de Deus aqui e agora. Os gritos das pessoas excluídas, exploradas, das que sofrem nos tocam e nos tornam criativos/as no exercício da liderança. Nossa pobreza nos desafia a prosseguir. Podemos conduzir as pessoas a partir das margens e para as margens, para assumir o grito das pessoas oprimidas, quer se trate de indivíduos, povos ou do planeta, porque sabemos que o que vivemos hoje terá um efeito sobre as gerações futuras. Ao alargarmos as nossas tendas para fazer isso, não só entre nós, mas com muitas pessoas, gente de boa vontade, de qualquer etnia, religião ou meio social, teremos a firme esperança de que o que semeamos hoje florescerá amanhã.

Sinto-me muito em sintonia com o poema de José Calderon Salazar, da Guatemala, que escreveu (tradução livre):

*“Estou ameaçado com a morte.*

*Há um profundo erro neste aviso;*

*nem eu nem ninguém somos ameaçados com a morte.*

*Somos ameaçados com a vida, ameaçados com a esperança, ameaçados com o amor.*

*Estamos enganados, cristãos, não estamos ameaçados com a morte.*

*Somos ameaçados com a ressurreição.”*

## Referências

Pérennès Jacques, Pierre Claverie : “ Viens, suis-moi!”, Spiritualité 2000, Setembro de 2001

Papa Francisco, Evangelii Gaudium, Libreria Editrice Vaticana, 2013

[www.journeywithjesus.net](http://www.journeywithjesus.net) – A future not our own (Um futuro que não é nosso) - Oscar Romero

[www.goodreads.com](http://www.goodreads.com) – Die slowly (Morrer lentamente) - Pablo Neruda

[www.eglise-reformee-mulhouse.org](http://www.eglise-reformee-mulhouse.org) – José Calderon Salazar em Francês

[youtube](https://www.youtube.com/watch?v=...): Landfill harmonic – beyond amazing/além do incrível

# ANO DA VIDA CONSAGRADA NARRAR O EVANGELHO DA VIDA

Ir. Tiziana Longhitano, sfp

*Irmã Tiziana Longhitano, sfp, é presidente do Instituto Superior de Catequese e de Espiritualidade Missionária, na Pontifícia Universidade Urbaniana, onde leciona Antropologia Teológica e Teologia Trinitária.*

*Este artigo foi publicado na revista “a Vida Consagrada”, n. 4 Ano L, outubro/dezembro de 2014. A direção da revista pediu à Irmã Tiziana e a outros autores para responder a duas perguntas sobre o Ano da Vida Consagrada: 1) O que espera e que expectativas têm da celebração do Ano da Vida Consagrada? O que sugeriria? 2) O que teme ou espera, ou o que devemos evitar na celebração deste ano?*

*Original em italiano*

## Notas metodológicas

**F**alar a título pessoal de um Ano dedicado à vida consagrada não me parecia apropriado, pois se trata de um acontecimento comprometedor. Então eu compartilhei a reflexão com outras pessoas: Irmãs de diferentes gerações e nacionalidades. Algumas das minhas alunas, provenientes de diferentes continentes, foram envolvidos na elaboração destas páginas. Assim, o que aqui apresento, não é o resultado de uma pesquisa sociológica. Eu só gostaria de salientar que as perguntas feitas oportunizaram uma resposta participativa, pluralizada.

## As esperanças e expectativas para este Ano da vida consagrada

Eu espero:

- Que a atenção celebrativa não seja focada nas estatísticas, como se a vida consagrada fosse uma questão quantitativa, mas sobre o *ser* fermento na massa. Seria interessante questionar-se sobre a *qualidade* do fermento e se os fermentos estão realmente *vivos*. Se se está anunciando um Evangelho vivo e vivido. Se os princípios escatológicos, dos quais a vida consagrada é constituída, estão realmente sendo irradiados.
- Que este ano ajude a "superar os limites dos carismas congregacionais e a unirmo-nos para oferecer ao mundo uma palavra mística e profética" (Declaração sobre a profecia, escrita em maio de 2010 pelas nossas Superiores Gerais).

Proponho fazer reuniões por setores (saúde, escola, social...) para uma maior comunhão entre as Congregações religiosas; mas, há o desejo de sermos menos isoladas? Espero que possamos alimentar este desejo.

- Que possamos oferecer ao mundo o testemunho aberto do que significa ser "Comunidade" (muitos povos estão em guerra, ou têm apenas sofrido, outros povos estão se gloriando de pertencer a uma comunidade política sem sequer saber o significado da palavra "comunidade"). Nossas Congregações são, na sua maioria, multiculturais e por isso são já um testemunho, à sociedade de nosso tempo, de outra *forma* de se estar em relação. A missão das pessoas consagradas, mais que geográfica é antropológica. Devemos oferecer às pessoas o sentido da escolha da consagração num contexto mais amplo: eclesial, mundial e humano. Espero ver que vias *visíveis* sejam abertas para que as pessoas procurem e encontrem o Deus vivo que está entre nós. O impulso é o de oferecer à Igreja e à humanidade, como mulheres consagradas, um serviço de compaixão e de cura (Dich. USG de 2010). Como pessoas consagradas devemos ser capazes de suscitar na humanidade – onde quer que estejamos, seja qual for a circunstância existencial que estamos atravessando – o desejo de encontro com o Senhor e mostrar o caminho para que este encontro aconteça.
- Quando uma Congregação com uma raiz cultural se encontra com outra de raiz cultural diversa, percebe como se dá a transmissão dos modos gestuais, do sistema de costumes humanos, dos regulamentos... do caráter moral. Espero ver pessoas estrangeiras-consagradas (na Itália, em Roma) que *narrem* a alegria de ter encontrado o Senhor, pessoas entusiastas e felizes. Porque – para muitas pessoas religiosas – o rosto de Cristo, o lugar de encontro com o Senhor e com o próximo parece coberto pela fadiga do trabalho contínuo. Cientes de que se chega a Deus com a humanidade, não podemos ficar confinados/as dentro dos espaços de uma Cúria, de um seminário, de uma casa de repouso...
- Espero não encontrar mais Irmãs/ãos *estrangeiras/os* cuja existência é dedicada a atividades que servem para manter abertas as estruturas. Espero que possamos sair das fronteiras tradicionais e tentar trabalhar por um mundo mais justo, em rede, em nível local e globalmente. Espero a concretização de projetos diversos com outras Congregações e com os leigos, para a *transformação* das estruturas injustas (Dich. 2010).
- Espero, sob o impulso da nova evangelização, – particularmente neste Ano – o discernimento e a liberdade de tentar maneiras, além das convencionais, para chegar às periferias e mostrar ao mundo Deus. A esse respeito, os documentos são claros:

A Igreja confia às comunidades de vida consagrada a missão particular de *fazerem crescer a espiritualidade da comunhão*, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins, iniciando ou retomando incessantemente o diálogo da caridade, sobretudo nos lugares

onde o mundo de hoje aparece dilacerado pelo ódio étnico ou por loucuras homicidas. Situadas nas várias sociedades do nosso planeta — sociedades tantas vezes abaladas por paixões e interesses contraditórios, desejosas de unidade mas incertas sobre os caminhos a seguir —, as comunidades de vida consagrada, nas quais se encontram como irmãos e irmãs pessoas de diversas idades, línguas e culturas, aparecem como *senal de um diálogo sempre possível* e de uma comunhão capaz de harmonizar as diferenças (VC 51).

Neste Ano especial, espero que cada Congregação possa:

- Aproveitar esta oportunidade para "reinventar a arte de viver junto, mergulhada em relações humanizadoras, de escuta, de empatia, de não violência, para ser testemunha dos valores evangélicos" (Dich. 2010).
- Conhecer mais sobre o próprio carisma e torná-lo atual, vivo e atraente nos diferentes contextos culturais.
- Educar-se para a relação entre a consagração, a saúde e a criação. Nós vivemos num mundo tão destruído que se faz necessário recuperar o ser humano na sua totalidade, sem descuidar do meio ambiente em que vivemos. Viver em harmonia com o cosmos inteiro e viver com respeito sobre nossa Terra (Dich. 2010) pode ser um sinal de antecipar já um pedacinho do céu e da terra, que tem o sabor do paraíso (Ap 2, 1-5).

## Algumas sugestões

- Alguns bispos não conhecem e, portanto, não entendem a vida consagrada. Outros bispos (especialmente nas Igrejas jovens) criam congregações sem a clareza de um carisma que as sustente e sem perspectivas para o futuro. Proponho, na formação dos pastores e estudos teológicos dos seminaristas, cursos sobre a vida consagrada acompanhados de momentos de formação comum entre seminaristas e religiosas e religiosos.
- Proponho de criar uma formação teológica séria para as pessoas consagradas (5-7 anos de teologia) antes da consagração final ou perpétua.
- Proponho projetos de formação ad hoc (apropriados), visando à eliminação de atitudes ambíguas e desrespeitosas frente à diversidade (masculino/feminino, também dentro da vida consagrada).
- Proponho de rever os planos de formação, e que eles priorizem estilos de vida abertos à acolhida para formar mentes educadas para a diferença e capazes de reconhecer a riqueza das diferentes culturas e religiões (Dich. 2010). Só depois de serem formadas nesta direção, as pessoas consagradas podem educar as outras pessoas a uma vida humana e humanizadora, mostrando Deus como amor misericordioso e usar os recursos possíveis nas periferias existenciais da violência, da injustiça...
- Ver e descobrir nas outras religiões as "sementes da Palavra" (cf. *Ad gentes*, 11) que muitas vezes refletem um raio da Verdade (cf. *Nostra aetate*, 2).

- Poderia ser interessante conhecer mais de perto – precisamente no Ano dedicado à vida consagrada – as formas de vida consagrada presentes em outras denominações cristãs e em outras religiões.
- Cuidar e formar mentalidades não fechadas, uniformes, porque o mundo é dinâmico, complexo e plural.
- Procurar juntas maneiras de dar uma imagem nova, sincera e alegre da vida consagrada hoje. Para fazer nascer a questão da criatividade dentro das próprias Congregações.
- Formar para a consciência de que para levar Jesus para a humanidade hoje não é possível permanecer em conventos e estruturas que absorvem muitas forças, que obstaculizam o testemunho e impedem o anúncio.
- Pensar e criar um sistema de avaliação para implementar as recomendações dos documentos sobre a vida consagrada que estão sendo produzidos e/ou que já foram produzidos. Caso contrário, o risco é que alguns Institutos estejam à frente enquanto outros não percebam as consequências de permanecerem em posições atrasadas.
- Finalmente, construiria o Ano dedicado à vida consagrada com iniciativas baseadas nesta breve e intensa passagem:

Antes de tudo, viver o Evangelho é a principal contribuição que podemos dar. A Igreja não é um movimento político, nem uma estrutura bem organizada. Não é isso! Não somos uma ONG, e quando a Igreja se torna uma ONG perde o sal, não tem sabor, não passa de uma organização vazia.

Neste ponto sejamos espertos, porque o diabo nos engana; há o perigo do eficientismo. Uma coisa é pregar Jesus, outra é a eficácia, ser eficientes. Isto, não; aquela é outro valor. Fundamentalmente, o valor da Igreja é viver o Evangelho e dar testemunho da nossa fé. A Igreja é sal da terra, é luz do mundo; é chamada a tornar presente na sociedade o fermento do Reino de Deus; e fazê-lo, antes de mais nada, por meio do seu testemunho: o testemunho do amor fraterno, da solidariedade, da partilha. Quando se ouve alguns dizerem que a solidariedade não é um valor, mas uma "atitude primitiva" que deve desaparecer... é errado! Está-se a pensar na eficácia apenas mundana. Os momentos de crise, como este que estamos vivendo... Antes digamos que "estamos num mundo de mentiras". Atenção! A crise atual não é apenas econômica; não é uma crise cultural. É uma crise do homem: o que está em crise é o homem! E o que pode ser destruído é o homem! Mas o homem é a imagem de Deus! Por isso, é uma crise profunda!

Neste tempo de crise, não podemos preocupar-nos só com nós mesmos, fecharmo-nos na solidão, no desânimo, numa sensação de impotência face aos problemas. Não se fechem, por favor! Isto é um perigo: fecharmo-nos na paróquia, com os amigos, no movimento, com aqueles que pensam as mesmas coisas que nós... Sabem o que acontece? Quando a Igreja se fecha, adoecer, fica doente. Imaginem um quarto fechado durante um ano; quando lá entramos,



cheira a mofo e há muitas coisas que não estão bem. A uma Igreja fechada sucede o mesmo: é uma Igreja doente.

A Igreja deve sair de si mesma. Para onde? Para as periferias existenciais, sejam elas quais forem..., mas sair. Jesus diz-nos: "Ide pelo mundo inteiro! Ide! Pregai! Dai testemunho do Evangelho!" (cf. *Mc* 16, 15). Entretanto o que acontece quando alguém sai de si mesmo? Pode suceder aquilo a que estão sujeitos a quantos que saem de casa e vão pela estrada: um acidente. Mas eu digo a vocês: Prefiro mil vezes uma Igreja acidentada, caída num precipício, que uma Igreja doente por fechamento!

Vão para fora, saiam! Pensemos também nisto que diz o Apocalipse (é uma coisa linda!): Jesus está à porta e chama, chama para entrar no nosso coração (cf. *Ap* 3, 20). Este é o sentido do Apocalipse. Mas façamos a nós mesmos esta pergunta: Quantas vezes Jesus está dentro e bate à porta para sair, ir para fora, mas não O deixamos sair, por causa das nossas seguranças, por estarmos muitas vezes fechados em estruturas ultrapassadas, que servem apenas para nos tornar escravos, e não filhos de Deus que são livres?

Nesta "saída", é importante ir ao encontro de...; esta palavra, para mim, é muito importante: o encontro com os outros. Por quê? Porque a fé é um encontro com Jesus, e nós devemos fazer o mesmo que Jesus: encontrar os outros. Vivemos numa cultura do desencontro, uma cultura da fragmentação, uma cultura na qual o que não me serve ponho fora, a cultura do descartável. A propósito, convido-lhes a pensar – e é parte da crise – nos idosos, que são a sabedoria de um povo, nas crianças... a cultura do descartável. Nós, pelo contrário, devemos ir ao encontro e devemos criar, com a nossa fé, uma "cultura do encontro", uma cultura da amizade, uma cultura onde encontramos irmãos, onde podemos conversar mesmo com aqueles que pensam diversamente de nós, mesmo com quantos possuem outra crença, que não têm a mesma fé.

Todos têm algo em comum conosco: são imagens de Deus, são filhos de Deus. Ir ao encontro de todos, sem negociar a nossa filiação eclesial. (Francisco, *Vigília de Pentecostes com os movimentos, as novas comunidades, associações e agregações laicas*, Piazza San Pietro, 18 de maio de 2013).

## Os temores e riscos

- Não reduzir o Ano que se abre a um evento celebrativo de reuniões sem *decisões*. Cada encontro ou seminário deve encerrar com uma resolução compartilhada ou uma linha de ação que impulse para frente, com coragem, ou mesmo com uma declaração de intenções *pública* que coloque em jogo as pessoas consagradas com as comunidades locais, a Igreja, a humanidade.
- Temo que os progressos e os propósitos permaneçam no papel. Que ninguém analise a implementação do que será estabelecido nos documentos.
- Nas assembleias ou reuniões que serão feitas evitaria recordar às gerações mais jovens os seus direitos com relação à vida consagrada. As gerações jovens

conhecem bem! Eu faria ao invés uma boa conferência para dizer essas mesmas coisas aos/às superiores/as e formadores/as que tenham esquecido:

- não se abre uma carta antes de entregá-la à Irmã ou ao Irmão a quem é dirigida (mesmo que seja *jovem*);
  - se um/a Irmão/ão deve estudar, não se deve enviar à uma casa família-ninho onde passa as noites com crianças em seus braços;
  - precisamos ter confiança nas gerações mais jovens (se o/a irmão/ã não chega para o almoço, talvez tenha tido um contratempo ou tenha preferido continuar o trabalho na biblioteca! Uma explicação será dada se não respirar insinuações);
  - aqueles/as que chamamos de jovens Irmãos/ãs ou juniores/as, em seus países de origem seriam mães ou as responsáveis por suas famílias e nas congregações, muitas vezes, são tratados/as como *adolescentes*, como se não fossem capazes nem ... de pensar.
- Evitaria a formação unidirecional, de homens e mulheres... as intervenções devem ser equilibradas. É por isso que precisamos de consagrados/as preparados/as em várias áreas teológicas.
- Evitaria o uso, hoje comum, de recursos psicológicos na formação à vida consagrada e nas formas de oração.

## Conclusão

Eis, resumidamente, o fruto da partilha de opiniões de pessoas consagradas que me permitiram escrever para responder às perguntas que me foram feitas. Em meio à humanidade, ferida pela violência, injustiça, doenças, desespero, o Senhor Ressuscitado me concede a graça de narrar aos homens e mulheres, que hoje abraçam com coragem a vida consagrada, que o Evangelho da vida e do amor, que irradia a partir dele, possa ser a palavra criativa, o sopro do Espírito em cada periferia.

# RELATÓRIO DO SÍNODO EXTRAORDINÁRIO “OS DESAFIOS PASTORAIS DA FAMÍLIA NO CONTEXTO DA EVANGELIZAÇÃO”

Ir. Margaret Muldoon, sfb

*Irmã Margaret Muldoon, ex Superiora Geral das Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux, foi a única Irmã religiosa convidada a participar da primeira fase do Sínodo sobre a Família – chamado o Sínodo Extraordinário. Ela preparou este relatório para a sua congregação e para a UISG.*

*Original em inglês*

## Contexto do sínodo

**E**m 8 de outubro de 2013, Papa Francisco convocou uma assembleia Geral extraordinária do Sínodo para apresentar “Os desafios pastorais da família no contexto da Evangelização”. A preparação começou com um extensivo questionário, que foi enviado para todas as Dioceses do mundo, pedindo a colaboração de todos os fiéis. Os resultados das respostas foram publicados no “Instrumentum Laboris” ou “Documento de Trabalho” – cópias do qual podem ser encontradas na internet, inclusive no site do Vaticano: [www.vatican.va](http://www.vatican.va)

O Papa Francisco tinha decidido que o trabalho do Sínodo deveria acontecer em duas fases. Nesta primeira – o Sínodo Extraordinário – analisou, discutiu e refletiu sobre o documento à luz de tantas e vastas experiências consideráveis e diversas. A segunda fase, o Sínodo Ordinário (2015), estudará e refletirá sobre o documento de trabalho que emergir do Sínodo Extraordinário, a fim de “*formular as linhas de ações pastorais adequadas*”

Durante o Sínodo, o Papa permanecia entre os participantes, no intervalo da manhã e nas suas idas e vindas na sala do Sínodo. No decorrer de toda a semana, ele permaneceu como uma presença simples de escuta. Um Arcebispo disse que em Sínodos anteriores o Papa entrava e saía da sala quando todos já estavam sentados.

## Participação no sínodo

Participaram do Sínodo, em torno de 185 Cardeais, Patriarcas e Bispos, uns 37 “auditores” e cerca de 25 especialistas em diferentes áreas. Entre os auditores,

estavam 13 casais vindos da Austrália, África, Ásia, Europa, América do Norte e América do Sul.

### ***Método de trabalho***

O trabalho foi baseado no Instrumentum Laboris , Documento de Trabalho, e todas as intervenções concentraram-se sobre os temas contidos no documento. A cada palestrante foi dado 4 minutos para a intervenção e o tempo foi obedecido rigorosamente. Como consequência, mais de 70 intervenções eram feitas diariamente. Cada conferencista ficou dentro do tema atribuído e falou de suas experiências e convicções, as quais foram muito diversas e variadas. No início das sessões da manhã e da tarde, um casal dava o seu testemunho de vida.

### ***Atmosfera***

Havia uma atmosfera fraterna na Sala do Sínodo e uma escuta respeitosa a cada apresentação feita. As opiniões divergiam sobre o caminho a seguir – desde às que estavam muito abertos e convencidos da necessidade de encontrar respostas teológicas que fossem significativas e que respondessem às esperanças, alegrias, medos e lutas dos casais e da família hoje, àquelas convencidas de que nada precisaria ser mudado na posição da Igreja, além de encontrar uma nova linguagem para as atuais regras existentes, etc. Os conferencistas vieram de realidades muito diversas de situações de guerra, migração, imigração, perseguição, formas diferentes de violência, pobreza, pequeno número de Cristãos num ambiente muçulmano, ambientes de pluralidade religiosa, locais multiculturais, secularismo, indiferença, etc.

### ***Abertura***

Todos os dias a assembleia começava com a oração da manhã que era cantada em latim.

A Assembleia foi aberta pelo Papa Francisco. Depois de agradecer a todos aqueles que fizeram parte da preparação do Sínodo, enfatizou que a caminhada até este momento tinha levado muitos meses e convidou a todos a viver o Sínodo num espírito de colegialidade. Ele ressaltou a importância de escutar as vozes das igrejas locais, bem como da Igreja universal. Ele exortou todos a falar livremente, dizendo: “Ninguém pode dizer que há algo que não possa ser dito. Tudo o que se sente deve ser dito, se não falarem livremente, não é sinodal. É preciso que se diga tudo sem medo e se escute humildemente o que cada um tem a dizer. Peço que se conserve esta atitude ao longo do Sínodo e que o façamos com paz”.

### ***Visão geral***

Dado o fato de que em cinco dias, houve aproximadamente 290 intervenções, é impossível que um relatório simples como este possa fazer justiça à riqueza e à diversidade das ideias e realidades que foram expressas. Este apresenta apenas a visão de um “olho de pássaro”, na tentativa de compartilhar algumas das questões

que surgiram e de algumas respostas possíveis. De nenhuma maneira compreende ou estabelece decisões definitivas. O diálogo, até este momento, no Sínodo, continua num espírito de busca e discernimento.

Os muitos desafios que são enfrentados no casamento e na vida familiar vieram, imediatamente, à tona. Havia o desejo sincero de escutar os sinais dos tempos e de procurar respostas guiadas pelo Espírito. Era evidente o reconhecimento de que a família é o núcleo da sociedade, a clareza da necessidade de celebrar a beleza do casamento e de reconhecer os diferentes momentos importantes como, por exemplo, os Jubileus...

Quando se falava de situações irregulares, desde o início, havia o pedido para mudar a “*linguagem severa*”. Reconheceu-se que, às vezes, a Igreja era vista como uma “mãe severa”. Abordou-se, várias vezes, a necessidade de evitar a colocação de rótulos nas pessoas que na verdade resulta em afastá-las ainda mais. Sublinhou-se que a fé cresce gradualmente. Insistiu-se no desenvolvimento de “programas criativos” para a prática pastoral. Salientou-se que os Pastores devem compartilhar das alegrias e as esperanças das famílias. Alguns falaram, enfaticamente, da necessidade de um diálogo mais aberto. Um Cardeal disse: “Nós precisamos abrir o diálogo – o mundo não vai nos ouvir, se não escutarmos o mundo.”

Com frequência, o assunto da preocupação com os casais em dificuldade, os divorciados e civilmente recasados veio à tona. Foi dito que a Igreja deve oferecer a verdade não o julgamento e agir com compaixão e compreensão. No que se refere às muitas pessoas que coabitam, que vivem juntas, é preciso olhar o lado positivo de suas relações, bem como enfatizar a beleza do sacramento do matrimônio – porque nestas outras situações, existem alguns elementos de santidade e de verdade.

Muitas intervenções abordaram a questão da Eucaristia pelos divorciados e pessoas recasadas. Salientou-se que este não é o Sacramento dos perfeitos, mas sim daqueles que estão a caminho da perfeição. O diálogo foi aberto, com diferentes opiniões expressas. O diálogo continua aberto a este respeito.

Enquanto havia uma forte convicção da indissolubilidade do matrimônio sacramental e a importância de afirmar isso, existia também o reconhecimento que a experiência vivida, por muitas pessoas, não é dentro do casamento sacramental, e que por muitas e variadas razões, não consideram ou desejam o casamento como tal. Ao mesmo tempo que ficou claro que as pessoas com o casamento sacramental precisam de apoio e acompanhamento contínuo, era evidente a necessidade de dar atenção às pessoas que não escolheram este caminho para si. As formas de atendê-los nas suas necessidades devem ser procuradas e estas devem ser compassivas e amorosas. As pessoas querem seguir a verdade: elas também sentem a necessidade de ser inspiradas, de sentir que são acolhidas e amadas. Expressou-se um grande desejo de encontrar respostas pastorais à realidade dos que não são casados sacramentalmente, hoje, bastante comum em todo o mundo.

Enfatizou-se a necessidade urgente de modelos práticos para a pastoral das

peças divorciadas e recasadas, dando atenção aos grupos que exercem o Ministério de escuta, evitando julgamentos morais.

Sublinhou-se, com frequência, a importância de se ter uma atitude de respeito em relação a pessoas divorciadas e recasadas. Muitas pessoas falaram do fato de que elas muitas vezes vivem em situações de mal-estar ou de injustiça social e sofrem em silêncio. O cuidado pastoral não deve ser repressivo, mas cheio de misericórdia, compreensão e compaixão.

Referiu-se, muitas vezes, aos processos de declaração de nulidade do casamento. Expressou-se a necessidade de simplificar os procedimentos e de integração de leigos mais competentes no Tribunal eclesiástico. Muita ênfase foi dada, também, à necessidade de evitar superficialidade e salvaguardar o respeito para a verdade e os direitos das partes envolvidas.

Refletiu-se e deu-se atenção ao tema dos desafios dos casamentos de fé mista. Com relação ao não reconhecimento do casamento entre pessoas de mesmo sexo, que parece não ser possível, foi salientado a necessidade de uma abordagem respeitosa e não discriminatória em relação a homossexuais.

Todas as pessoas batizadas necessitam ser ajudadas a reconhecer que elas pertencem à Igreja em qualquer situação que possam se encontrar; elas precisam encontrar a acolhida, o apoio e a ajuda que necessitam em sua situação específica. Para muitos, que receberam o batismo na infância, não há nenhuma formação contínua adequada, e as pessoas que não se encontraram com o Cristo acabam sendo introduzidas para o Sacramento do matrimônio. As famílias que são “feridas” necessitam de ajuda especial, a qual requer proximidade, compaixão e apoio para curar as feridas.

Sentiu-se a necessidade de olhar para o nosso mundo atual com amor. Falou-se que a humanidade deseja a felicidade e quando os Cristãos descobrem que a felicidade é Cristo, nós não mais conseguiremos encontrar a linguagem adequada para comunicar isso ao mundo. Questionou-se sobre a rejeição de Cristo em países com raízes profundamente cristãs: “Por que os países com raízes profundamente cristãs rejeitam Cristo?”. Ao clero interrogou-se: “Por que nós, “homens do clero”, não somos felizes”? Onde encontramos a verdade da felicidade? Apelou-se para o uso de uma catequese mais “bíblica” do que “teológico-especulativa”.

Ouviu-se, repetidamente, um grande apelo à uma boa formação da fé ao longo da vida e à importância de uma boa e mais adequada formação nos seminários. Expressou-se a esperança que este Sínodo provoque um diálogo na sociedade. Falou-se que as questões de igualdade, de dignidade da pessoa, de não discriminação e de rejeição da violência devem ser discutidas. Uma pessoa disse: “temos que amar não mostrar os punhos”. O Evangelho exige testemunhas vivas, ao invés de “pregações”. As homilias deveriam falar de situações reais de pessoas e vinculá-las com o Evangelho. Percebeu-se um grande apelo para que os leigos sejam envolvidos no anúncio da Boa Nova, colocando a ênfase sobre o carisma missionário, onde a

evangelização acontece nos simples encontros com pessoas e famílias. Falou-se, também, da necessidade de passar de uma postura defensiva para uma atitude ativa, proativa.

Aconteceu um longo debate sobre a contraceção e métodos naturais de controle da natalidade e a necessidade de encontrar novas maneiras de explicar o planejamento familiar natural.

As três dimensões específicas da família foram abordadas: a vocação à vida, o aspecto missionário, ou seja, do testemunho de Cristo através da unidade familiar e a aceitação do outro, pois a família é a primeira escola onde aprendemos a nos relacionar. A família é quase a última realidade humana que é acolhida num mundo regido pela economia e tecnologia, poder e eficiência. “Outra dimensão da unidade da família é mostrada também na santidade, pois a família educada na santidade é o ícone da Santíssima Trindade, a Igreja doméstica, a serviço da evangelização, o futuro da humanidade”.

Duas questões emergiram e foram assunto de reflexão: “o que Jesus diria a nós face às diversas situações humanas em nossa Igreja hoje?” e “...como enfrentar os muitos problemas delicados, sabendo que eles são diferentes dentro do diferente?”

Na sexta-feira à tarde, falaram os sete líderes de outras Igrejas Cristãs que estavam presentes. Foi muito bom ouvir suas considerações – sua apreciação de estarem presentes no Sínodo, o reconhecimento de que suas Igrejas estão lutando com as mesmas questões, seu desejo de aprender um com o outro e o fato de que seus membros em todo o mundo estão seguindo este Sínodo, com interesse e ansiosos por ouvir mais sobre ele.

Na semana seguinte, a maior parte do trabalho foi realizada em pequenos grupos. Eu participei de um grupo de 26 pessoas, das quais 18 cardeais e arcebispos, um bispo anglicano, 2 casais, um padre, 2 leigos e uma leiga. Elas são de cinco continentes e representam 23 países.

### ***Segunda semana - segunda-feira***

No início da manhã, a cada um foi entregue a *Relatio Post Disceptationem* ou Documento de Trabalho, um resumo das intervenções e debates da primeira semana. Isso serviu de base para a discussão em Pequenos Grupos.

Os conteúdos do documento foram lidos em voz alta na Sala do Sínodo durante a primeira metade da manhã. No final da leitura, o texto foi aplaudido. Após o intervalo, a fim de ter uma resposta global inicial e para facilitar o trabalho dos pequenos grupos, os participantes foram convidados a fazer seus comentários. Houve uma apreciação geral do fato de que o Comitê de redação tinha capturado todos os principais pontos que tinham sido discutidos durante a semana.

Os Padres Sinodais sentiram que o espírito do Vaticano II encontra-se no documento. Foi expresso que a mensagem que o documento final deve dar deve ser de esperança. Sugeriu-se a inclusão de mais referências bíblicas.



As pessoas ficaram contentes, pois o documento não expressava decisões – “estamos em conversação e diálogo” – o processo de discernimento continuará até o próximo Sínodo.

### ***Trabalho nos grupos***

O trabalho continuou em pequenos grupos de segunda-feira à tarde até o final do dia de quarta-feira. Obviamente, eu só tive a experiência de participar num grupo. Depois de estudar o procedimento a ser seguido e da eleição de um moderador e secretário, o trabalho começou. Os participantes eram livres para contribuir quando apropriado. O documento foi trabalhado de parágrafo a parágrafo, alterações foram propostas e discutidas e então votadas pelos Padres Sinodais.

Havia uma atmosfera descontraída no grupo e de grande liberdade em aceitar ou rejeitar uma ideia, depois de diálogo. O apresentador de uma alteração livremente retirava a sua ideia, se não houvesse nenhum suporte para a mesma ou aceitava outras sugestões de emendas ou modificações, com bom humor. Também houve risos. Havia opiniões diferentes, experiências e realidades tanto interessantes como desafiadoras. A atenção e empenho para ser sensíveis às diferentes realidades e discussões, às vezes, tornou o processo mais demorado e de alguma forma um tanto tedioso.

### ***Volta à sala do sínodo***

Na manhã de quinta-feira, houve uma assembleia na Sala do Sínodo. A presença do Papa Francisco entre nós foi muito apreciada. O objetivo deste encontro foi ouvir os relatórios dos diferentes grupos. As alterações já tinham sido dadas à Secretaria. Os relatórios apresentaram um resumo do trabalho no grupo, preocupações, questões, afirmações etc. Cada relator do grupo teve 10 minutos para apresentar o relatório e o tempo foi estritamente observado. Todos estes relatórios foram publicados.

A seguir estão alguns dos pontos que surgiram a partir dos relatórios do grupo

Expressou-se a apreciação do método usado para apresentar o documento: - Escutar – Olhar - Discutir (Ver, julgar e agir)

Muitas pessoas falaram da atmosfera de abertura que prevaleceu no Sínodo. O diálogo aconteceu com liberdade e houve um espírito de escuta mútua. Esta abertura permitiu que o acolhimento de ideias e experiências de várias pessoas de diferentes culturas e cinco Continentes, reunidas no Sínodo ouvissem as diferentes vozes na confiança mútua, acolhida e simplicidade, expressando a realidade da Igreja universal na harmonia e na diversidade.

A pluralidade e a diversidade das situações eclesiais foi claramente experienciada. Cada Igreja local não está preocupada da mesma forma e nem tocada pelos mesmos problemas que foram levantados. Foi expresso o desejo de dar maior atenção à subsidiariedade, dando assim certa autonomia às igrejas locais para

procurar respostas pastorais para suas preocupações.

A caminhada do Sínodo continua. O próximo Sínodo ordinário acontecerá em outubro de 2015. O foco será a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. O ano que antecede este evento será de reflexão e diálogo nas diversas igrejas locais em todo o mundo. É uma oportunidade para todos nós sermos colaborativos e participativos nas reflexões e diálogo que acontecerão no nível local. Podemos também tomar a iniciativa para incentivar a conversa – no mesmo espírito do Sínodo - com uma escuta profunda, com mentes e corações abertos – dispostos a nos deixar questionar e a descobrir as respostas num espírito de discernimento, ao invés de ficar com ideias fixas ou com conclusões já prontas, fechadas.

# FAMÍLIA E VIDA CONSAGRADA ENTRE OS SÍNODOS SOBRE A FAMÍLIA

P. Enzo Brena, scj

*Psicólogo.*

Conferência apresentada na 84ª Assembleia da USG, em novembro de 2014.

*Original em italiano*

**A** concomitância do ano da vida consagrada e da celebração do Sínodo sobre a família tem um sabor providencial, porque oferece a oportunidade para uma reflexão mais aprofundada sobre a vocação à vida consagrada e a sua relação com o matrimônio e a família.

Minha breve contribuição articula-se sobre dois pontos:

- a) *o que dizer sobre a vocação à vida consagrada e ao matrimônio, hoje?*
- b) *o que as duas vocações dizem uma à outra?*

## **A) O que dizer sobre a vocação à vida consagrada e ao matrimônio, hoje?**

Se é verdade, como afirmou o monge trapista Thomas Merton, que "*todas as vocações têm, no pensamento de Deus, a finalidade de manifestar o seu amor ao mundo*",<sup>1</sup> já deveria ser evidente que não há vocações mais dignas ou mais importantes que outras, mesmo que sempre se tenha pensado ou ensinado desta forma em nossos ambientes religiosos.

Aqueles que amam a Igreja-povo de Deus, e o caminho que as pessoas nela fazem, estão cientes do que afirmava padre Primo Mazzolari, sacerdote e profeta de seu tempo: "*para qualquer trabalho devemos contar uns com os outros: porque ninguém se basta a si mesmo ou à sua vocação*". Por ocasião do encontro de fevereiro passado, estas palavras têm encontrado certo eco na afirmação do Cardeal Walter Kasper: "*matrimônio e celibato valorizam-se e fortalecem-se mutuamente ou então ambos entram em crise*"

A declaração do Cardeal Kasper girava em torno do conceito de *liberdade de escolha*, que o cenário cultural atual coloca novamente como ponto central da crise generalizada sofrida tanto pela família como pela vida consagrada. A *liberdade de escolha* da pessoa é o ingrediente essencial quando se fala de vocação. É, portanto, a principal urgência do discernimento e da formação em ambas as escolhas de vida.

É preciso admitir que a liberdade hoje, mais que uma certeza é um problema. O contínuo falar a respeito dela, as exigências, ou o dar-se por concedida, não garante a sua presença nas escolhas e decisões cotidianas. Inúmeras contribuições de pesquisas psicossociais incluem a alta exposição dos indivíduos aos mais variados condicionamentos da mídia, focados nas promessas de uma liberdade sempre maior. Sabemos, por experiência própria, frente ao fenômeno de inúmeras desistências de pessoas consagradas e ordenadas ou de separações e divórcios no matrimônio, quanto se revela crítica a questão da liberdade de escolha no percurso para a tomada de tais decisões. O entusiasmo, a paixão e a boa vontade do início, num curto espaço de tempo, se transformam em desencanto, decepção e abandono.

O que torna complexa, hoje, a expressão da própria liberdade?

No interior do homem, atrás da palavra “liberdade”, esconde-se sempre o desejo de uma independência total, alimentada hoje, de forma inédita, pela realidade virtual. É óbvio que a *web* não pode ser usada como bode expiatório para qualquer problema do homem pós-moderno; no entanto, revela-se como o veículo particularmente adaptável ao jogo das fragilidades humanas. Na verdade, o mundo da mídia, meio de indiscutíveis oportunidades positivas, torna-se, não obstante, o lugar no qual se joga com a grande ilusão, onde é possível mudar o cenário e a identidade a vontade, e onde as escolhas podem permanecer em *stand-by* - espera - por tempo indeterminado, permitindo várias experiências, dando ao sujeito a sensação de dominar o tempo e a realidade. Esse tipo de “*onipotência*” virtual, no entanto, compromete a vontade e rapidamente se transforma em impotência real, que desencoraja de engajar-se e torna-se num lento, mas inexorável, suicídio da liberdade.<sup>2</sup> Os efeitos desse processo inibitório revelam-se também na fragilidade de manutenção dos compromissos de vida, seja do casamento como da vida consagrada.

A liberdade, como o amor e todos os grandes valores da vida, não está em nossa posse desde o momento em que viemos ao mundo. A liberdade é *vocação* (cfr. *Gál 5, 13ss*), é o objetivo a ser alcançado que envolve o caminho e o empenho de uma vida inteira e encontra a sua plenitude no amor (cfr. *1Cor 13*).

Há, portanto, uma vocação comum a todas as pessoas, válida para todos: *somos chamados a amar como ama Deus*, para tornarmos-nos totalmente livres e filhos de Deus, como resultado de uma escolha consciente. Cada homem é chamado a amar de modo pleno, livre, fiel, compassivo, sem excluir, mas aberto a todos...

As formas e os relativos caminhos para expressar o chamado fundamental são diversas e todas dignas. A variedade de formas depende da diversidade de personalidade, sensibilidade, história pessoal porque – dizia ainda Thomas Merton falando sobre vocação – *todos "somos chamados no lugar em que Deus quer que façamos o bem máximo, nas condições que podemos melhor deixar a nós mesmos e encontrá-LO"*.<sup>3</sup>

Esta definição nos transmite a peculiaridade dinâmica e relacional da vocação:

*estamos sempre em vocação*, durante toda a vida, e esta se desenvolve *numa relação com Deus que se nutre de inúmeras mediações*, dependendo da escolha de vida. Isto requer uma capacidade de integrar positivamente a própria história de vida, as experiências vividas, os relacionamentos significativos com o mundo dos próprios desejos e ideais, para descobrir e dar forma à própria identidade.

Partindo de pressupostos diversos, as *ciências humanas* nos dizem o mesmo: o homem está em processo, em ambas as realidades atual e ideal, para obter a plena realização de si e, tudo que o caracteriza de modo específico – a partir da liberdade – se estrutura progressivamente, ao longo do tempo, com base nas experiências e relações, vitais ou menos vitais, que irá viver.

Mas a vocação supõe *a capacidade de escutar uma voz*, um chamado; exige uma disponibilidade de abrir-se ao outro/Outro, a deixar que a fala do outro possa questionar a condição conquistada e indicar um objetivo, um ideal. Hoje, não se tem muita disponibilidade de aceitar o tempo e a fadiga dos caminhos requeridos para a construção de um ideal, para a realização de um valor. Em outras palavras, se deseja amar, viver algo grandioso, mas não se aceita o tempo, o preço que isso comporta.

Além de eventuais causas psiquiátricas, sempre possíveis, as crises atuais de tantos sacerdotes, religiosos/as, esposas e esposos que abandonam o caminho empreendido revelam uma desistência vocacional, concretizada em tempos breves e em base a critérios predominantemente afetivos. O adjetivo “afetivo” não indica um investimento dos próprios afetos em outra pessoa, mas exprime um fechamento sobre si mesmo, sobre seu mundo emotivo. Este fechamento obedece à necessidade de preservar-se da desilusão, de salvaguardar a perfeição do desejo, não aceitando a implícita lógica progressiva, com respeito ao princípio da realidade.

Este aspecto denota um desejo inconsciente de controle sobre a realidade. Mas a vontade de controlar tudo o que afeta a própria vida manifesta, na verdade, um fechamento à realidade, à novidade e a um verdadeiro encontro com o outro, condenando-se inconscientemente a si mesmo a um contínuo desequilíbrio entre entusiasmo e desilusão, condição em que muitas pessoas se encontram afundadas.

O matrimônio e a vida consagrada também estão sofrendo os efeitos menos simpáticos dessas mudanças culturais.

Nos últimos cinquenta anos, a união matrimonial tem perdido progressivamente a perspectiva vocacional, para ser vivida como *uma forma secular de salvação*: como se afirma em muitas maneiras de não crer em algo que seja absoluto... espera-se tudo do amor! <sup>4</sup>

Assim nos encontramos, hoje, confrontados com uma forma paradoxal de idealismo: ama-se o amor mais que se ama as pessoas, mendiga-se o amor a todo o custo, até mesmo por meio de indivíduos intercambiáveis, em vez de querer bem a uma única pessoa entre todas as outras. O valor do amor adapta-se a um mundo interior subjetivo, estruturado com chave defensiva, que não se deixa mais desafiar

pelo saudável desejo de oferecer-se para construir uma relação plena. Então, não é importante o valor do amor que, por outro lado, pede para ser acolhido, para continuar a procurá-lo e dar-lhe um rosto na minha vida: Eu sou importante “*Eu sou o que amo*”, ou seja, “*eu*” que, em última análise, adequo o amor ao meu desejo de satisfação, de gratificação plena.

Assim se desvalorizam as ligações que foram estabelecidas em nome de uma união imaginária, como se ninguém fosse digno o suficiente para sacrificar-lhe a própria liberdade.<sup>5</sup> Há muito tempo aumentou dramaticamente o número daqueles que se especializam na fase do encantamento, que pretendem perpetuar o encanto do início, e, portanto, rompem as relações que não oferecem mais tal garantia de gratificação, enquanto se reduz o número daqueles que optam por ir até o fim, daqueles que querem viver o amor evitando todas as exigências numa condição de vida livremente escolhida.

Em muitas crises e abandonos da vida religiosa e sacerdotal pode-se reconhecer esta deturpação vocacional, que reduz a vocação – com todos os seus valores – a uma gratificação, a uma rápida sensação de realização pessoal.

Amar como Deus ama é vocação, é um ideal, não é um idealismo.

## **B) O que as duas vocações dizem uma à outra?**

Na Igreja, a vida consagrada e a vida matrimonial têm vivido uma ao lado da outra, mas sem um verdadeiro diálogo. A história, que tem nos ensinado uma teologia/espiritualidade da vida consagrada como uma *vida de perfeição* e do matrimônio como “*remedium concupiscentiae*”, lentamente levantou uma barreira entre os dois estados de vida. Somente no último século, especialmente após o Concílio Vaticano II, foram criadas as condições para um processo gradual de aproximação entre a família e a vida consagrada, entre o princípio monástico e o doméstico, com as experiências de partilha que recordava há pouco tempo P. Prezzi.

A necessidade de clarificar o específico da vocação à vida consagrada tem levado muitas vezes a colocar em evidência, acima de tudo, as diferenças e a deixar na sombra, por outro lado, o elemento comum – *a vocação de todos à liberdade do amor de Deus*. Como se a clareza sobre as diferenças entre as vocações respondesse à questão da identidade própria.

Os votos têm sido a base qualificante sobre a qual sempre se expressou a questão da identidade. Nós sabemos quanto foi pontual e meticuloso o controle formativo sobre os votos, tanto no campo masculino como feminino. Mas, também sabemos que, no sentimento popular, a admiração pelo consagrado tornou-se, lentamente, em perplexidade sobre a “normalidade” de uma escolha que envolve a renúncia às formas mais naturais de expressão da liberdade individual (autonomia, afetividade, gerenciamento dos bens, etc.). São muitas as pessoas – muito mais do que imaginamos – que não acreditam na castidade e na pobreza das pessoas consagradas (obediência não parece despertar tanta perplexidade). Por outro lado,

sabemos que na vida concreta de nossas comunidades, a pobreza é vivida com muitas “distinções”, a castidade é uma dimensão tão “privada” que quase nunca se fala e raramente consegue dar cor e calor à vida comunitária, e a obediência é um dos problemas mais espinhosos para os superiores.

A experiência ensina-nos que *uma formação centrada nos votos* não ajuda muito, nem a pessoa consagrada nem os que se relacionam com elas. A verdade da nossa vocação e o sermos significativos diante do povo de Deus e do mundo não dependem da *observância* da pobreza, da castidade e da obediência, a menos que nós tentemos expressar os votos de um modo novo.

Os votos não são o centro da vida consagrada. É a referência a Deus, o que justifica a decisão de retribuir com amor incondicional seu amor fiel e aberto a todos. É a comunhão com Deus e com nossos irmãos que dá sentido ao nosso estilo de vida. Por isso surpreende e fascina sempre o consagrado que vive a sua escolha por Deus generosamente dedicada ao próximo, aberto e disponível para cada pessoa, com quem estabelece uma relação de acolhida e de fraternidade incondicional, tanto dentro como fora da comunidade.

É à luz da vocação comum à liberdade *de amar como Deus ama* que matrimônio e vida consagrada, com suas particularidades específicas, têm algo a dizer e a oferecerem-se.

O matrimônio compromete um homem e uma mulher a decidirem de caminhar juntos em direção à plenitude do amor de Deus, através da mediação conjugal e da prole, com as devidas responsabilidades que caracterizam este projeto de vida. Trata-se de um amor com o qual livremente se compromete a *colocar em comum tudo de si*: a inteligência e a criatividade em projetar, a breve e longo tempo, a vida conjugal e familiar; a sensibilidade e a afetividade, com a entrega de tudo numa partilha total de si mesmo que, na dimensão sexual experimenta a função de “criador”, de inventar um alfabeto de comunhão e de gerar a vida; o cuidado responsável do cônjuge e dos filhos, conscientemente vividos não tanto e não só como cuidar daquele/daquela que me garante uma série de “serviços” e gratificações, mas como *parceiros* que me fornecem confronto, sustento, estímulo e correção afetuosa, que permite a ambos manter alto o perfil do ideal: chegar a exprimir o amor de Deus, ser mediadores de seu amor.

A vida consagrada compromete-se, na única vocação ao amor de Deus, sob a forma de vida revelada em Cristo. A mediação que permite alcançar esta meta é o irmão, a irmã encontrado/a *no caminho*; não escolhido/a, não eleito/a entre outros/as, mas reconhecido/a como “dom”, para além de qualquer instintiva preferência afetiva.

A vocação da pessoa consagrada passa através de todas as necessidades típicas da vida comum, do dom de si desinteressada, do serviço sem cálculos, nem mesmo aqueles relacionados à “carne e ao sangue”; exprime a sua fecundidade, não através do “gerar a vida” biologicamente, mas através do “cuidado amoroso”, do



alimentar a vida do irmão e da irmã, quem quer que seja e onde quer que ele/a esteja vivendo.

A pessoa consagrada, particularmente, por esta vocação de fazer a escolha por Cristo, mesmo em termos de valores instrumentais (votos, comunidade, serviço aberto a todos, especialmente os menores), não encontra problema de sentir-se em sintonia com o homem, qualquer que este seja, encontrado onde se encontra e na condição em que se encontra – problemática ou não, escandalosa ou não – sem preconceitos ou discriminação, com a única intenção de permitir-lhe que ele se encontre com Cristo e experimente o seu amor. Amor capaz de regenerar a pessoa depois de cada experiência de derrota, de fracasso. O testemunho de vida consagrada é baseado, portanto, não a partir da experiência da perfeição, nem da experiência de um desejo pessoal, ferida que toca a nossa carne como a de todos os seres humanos e que nos impele a dar voz à nossa miséria.

A pessoa consagrada tem na sua bagagem esta preciosa potencialidade de *testemunhar a misericórdia* porque ela, por primeiro, a tem experimentado, se verdadeiramente conheceu e encontrou-se com Cristo: esta experiência é essencial para sustentar um projeto de vida consagrada ao Deus da misericórdia.

Deste ponto de vista, a vida consagrada pode reportar-se efetivamente à família, porque recorda aos cônjuges a necessidade de não perder de vista Deus, modelo, objetivo, critério ideal que está no fundo do seu projeto de vida. O risco muito frequente no matrimônio é o de parar na “mediação”: absolutiza-se o cônjuge e se espera dele/a o que não pode dar; espera-se gratificação recíproca afetiva mais do que a contribuição de um confronto, desafio que ajuda a manter o leme do timão firmemente focado no objetivo vocacional.

A vida consagrada lembra à família que a medida do amor não se esgota no critério de reciprocidade e não se reduz ao grau de parentesco, mas consiste em estarmos vivos e fecundos para o Amor, e então realmente filhos de Deus. Seu objetivo final, na verdade, não são eles próprios, mas aquele que os transcende de modo infinito.

A Pobreza, a castidade e a obediência são votos através dos quais a pessoa se liga a Cristo, através da mediação dos irmãos e da Comunidade, para não se contentar com uma intuição sobre Deus e o amor, mas para manter viva a consciência de que o amor e o bem são sempre *orgulhosos* e o ser humano (com suas relações) é um local de construção sempre aberto. Esta opção lhe dá a oportunidade de manter-se num caminho de liberdade que conduz à plenitude do Deus-Amor, através da experiência cotidiana da misericórdia de Deus através dos irmãos. A vida consagrada recorda aos esposos a vida de interioridade que se contrapõe ao fechamento sobre si mesmo e sobre o próprio desejo; e adverte contra o risco de dissipação, recordando a importância do testemunho e do apostolado.

Por outro lado, a pessoa consagrada precisa do testemunho dos esposos, para lembrar que não existe amor sem carne, sem corpo, sem a mediação de um irmão

ou irmã. Sabemos muito bem que na vida consagrada, muitas vezes, o amor pode limitar-se a ser simplesmente um gênero literário, se não uma cômoda rota de fuga “espiritual” do irmão concreto, que a circunstância colocou em nosso caminho. A pessoa consagrada não casa com uma pessoa e não forma uma família, mas “*casa com*” a causa de todos os seres humanos – começando com as pessoas com quem ela partilha a vida – para ser mediação fecunda que as ajuda a reconhecer e viver plenamente a sua identidade de filho de Deus, e para que se realize a comunhão que Deus sonha para os seus filhos.

“*Casar-se com a causa do homem*”: uma terminologia não casual, mas teológica, visto que a Sagrada Escritura testemunha como a escolha de Deus para dar expressão à sua relação com a humanidade é a esponsal.

A convergência temporal do Sínodo sobre a família e do ano da vida consagrada pede a todos para redescobrir o fundamento comum: *a vocação à liberdade do amor de Deus*.

Pede também para colocar-se em diálogo, numa constante disposição à aprendizagem e à conversão porque, como nos lembra o Papa Francisco, “*a primeira reforma deve ser aquela da atitude. Os ministros do Evangelho devem ser pessoas capazes de aquecer os corações das pessoas, de andar no meio da noite com elas... sem se perder.*”

<sup>1</sup> MERTON T., *Nenhum homem é uma ilha*, Garzanti, Milano 1956, p. 165.

<sup>2</sup> Cfr. HADJADJ F., *Enfrentar-se com a morte. Anti-método de viver*, Cittadella ed., Assisi 2009, p. 144-146.

<sup>3</sup> MERTON T., *Nenhum homem é uma ilha*, Garzanti, Milano 1956, p. 151.

<sup>4</sup> Cfr. BRUCKNER Pascal, *O matrimônio do amor faliu?*, Guanda ed., Roma 2011, p. 64.

<sup>5</sup> *ibidem*, p. 51.

# O PACTO DAS CATACUMBAS (DOMITILLA) UMA IGREJA SERVIDORA E POBRE

No dia 16 de Novembro 1965, pouco antes do encerramento do Concílio Vaticano II, quarenta Padres Conciliares celebraram a Eucaristia nas Catacumbas Domitilla em Roma, e pediram para permanecerem fiéis ao Espírito de Jesus. No final da celebração, eles assinaram o “Pacto das Catacumbas”. Este documento é um desafio para os seus “irmãos no Episcopado “para uma “ vida de pobreza “, uma Igreja “servidora e pobre”, como o Papa João XXIII já tinha sugerido. Os signatários - entre eles, muitos Brasileiros e Latino-Americanos, com os outros que acrescentaram seus nomes depois - se comprometeram a viver na pobreza, a abandonar os símbolos e privilégios do poder e colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral. Este texto teve uma forte influência sobre a Teologia da Libertação, que nasceu logo depois.

Eis o texto.

*Nós, Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, somos conscientes das deficiências do nosso estilo de vida de pobreza segundo o Evangelho. Incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós quereria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos Irmãos no Episcopado; contando sobretudo com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses. Colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue:*

- Procuraremos viver segundo o modo ordinário da nossa população, em todo o que concerne à habitação, à alimentação, aos meios de transporte e a tudo que daí se segue. Cf. Mt 5,3; 6,33s; 8,20.
- Para sempre renunciamos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa (esses signos devem ser, com efeito, evangélicos). Cf. Mc 6,9; Mt 10,9s; At 3,6 (Nem ouro nem prata).
- Não possuiremos nem imóveis, nem móveis, nem conta em banco, etc., em nossos próprios nomes; e, se for preciso possuir, poremos tudo no nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas. Cf. Mt 6,19-21; Lc 12,33s.
- Cada vez que for possível, confiaremos a gestão financeira e material da nossa diocese a uma comissão de leigos competentes e cônscios do seu papel

apostólico, em mira a sermos menos administradores e mais pastores e apóstolos. Cf. Mt 10,8; At. 6,1-7.

- Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...). Preferimos ser chamados com o nome evangélico de “Padre”. Cf. Mt 20,25-28; 23,6-11; Jo 13,12-15.
- No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir privilégios, prioridades ou mesmo uma preferência qualquer aos ricos e aos poderosos (ex.: classes nos serviços religiosos, banquetes oferecidos ou aceitos). Cf. Lc 13,12-14; 1Cor 9,14-19.
- Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a vaidade de quem quer que seja, com vistas a recompensar ou a solicitar dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social. Cf. Mt 6,2-4; Lc 15,9-13; 2Cor 12,4.
- Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, coração, meios, etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários compartilhando a vida operária e o trabalho. Cf. Lc 4,18s; Mc 6,4; Mt 11,4s; At 18,3s; 20,33-35; 1Cor 4,12 e 9,1-27.
- Côncios das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos transformar as obras de “beneficência” em obras sociais baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todos e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes. Cf. Mt 25,31-46; Lc 13,12-14 e 33s.
- Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham em prática as leis, as estruturas e as instituições sociais necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus. Cf. At. 2,44s; 4,32-35; 5,4; 2Cor 8 e 9 inteiros; 1Tim 5, 16.
- Desde que a colegialidade dos bispos encontra sua realização evangélica suprema em servir conjuntamente as massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral - dois terços da humanidade - comprometemo-nos a: participarmos, conforme nossos meios, dos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres; requerermos juntos ao plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como o fez o Papa Paulo VI na ONU, a adoção de estruturas econômicas e culturais que não mais fabriquem nações proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim

permitam às massas pobres saírem de sua miséria.

- Comprometemo-nos a partilhar, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos em Cristo, sacerdotes, religiosos e leigos, para que nosso ministério constitua um verdadeiro serviço; assim: esforçar-nos-emos para “revisar nossa vida” com eles; suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito, do que uns chefes segundo o mundo; procuraremos ser o mais humanamente presentes, acolhedores...; mostrar-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião. Cf. Mc 8,34s; At 6,1-7; 1Tim 3,8-10.
- Quando voltarmos às nossas respectivas dioceses, daremos a conhecer aos nossos sacerdotes diocesanos estas resoluções, rogando-lhes de ajudar-nos com sua compreensão, sua colaboração e suas orações.

*Que Deus nos ajude a ser fiéis.*

## A VIDA NA UISG

Desde o início do Ano da Vida Consagrada, tem havido muitas reuniões e atividades em diferentes partes do mundo. Alguns destes são eventos anuais, enquanto outros estão planejados para este ano significativo. Todos assumiram um significado dado as palavras do Papa Francisco, em sua Carta Apostólica exortando as religiosas / os religiosos *"para olhar com gratidão o passado, viver com paixão o presente e abraçar com esperança o futuro."*<sup>1</sup> No início de Janeiro, a presidenta da UISG, Ir. Carmen Sammut, msola, viajou para **Vilnius** (Lituânia) para falar em uma Conferência nacional organizada pela Conferência das Religiosas. A energia e vitalidade da vida religiosa na Lituânia foi uma experiência maravilhosa e um sinal muito encorajador. No mesmo mês, a Secretária Executiva, Ir. Patricia Murray, ibvm, representou a UISG na reunião da COSMAN/COMSAM em **Kinshasa** (RDC). Esta reunião foi uma importante reunião de representantes de muitas das Conferências Episcopais da África e Madagascar. Cada um dos participantes fez um relatório detalhado dos desafios enfrentados pela vida religiosa em seus respectivos países. Um novo Conselho Executivo foi eleito com Irmã Marie Sidonie Oyembo, cic, como Presidente. No início de Janeiro, os membros da **Constelação de Roma** tiveram a sua reunião anual de dois dias em Monte Cucco (Roma). O tema do encontro foi a interculturalidade. Um painel de Superiores Gerais compartilharam seus conhecimentos e experiências que conduziu a uma conversa muito estimulante entre os participantes.

Ao mesmo tempo, dois encontros ecumênicos importantes ocorreram em Janeiro, em Roma, antes ou durante a Semana de Oração pela Unidade da Igreja. A primeira foi a visita anual de alunos do **Instituto Ecumênico de Bossey** (Suíça) para o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos (PCPUC). Durante a sua visita anual, os membros da USG e UISG reuniram-se com os estudantes para falar sobre a vida religiosa dentro da Igreja Católica. Ir. Filo Hirota, mmb (Conselho Executivo), representou a UISG neste encontro. O Instituto Bossey centra-se na formação e educação teológica ecumênica.

Nos dias 22-25 de Janeiro, o Colóquio Ecumênico de religiosos e religiosas, organizado pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA) foi realizada em Roma. Cerca de 100 participantes convidados representando Anglicanos, Luteranos, Ortodoxos, Religiosos do Rito Católico Oriental e Ocidental. Ir. Patricia Murray, ibvm, participou como representante da UISG. Cada dia começou e terminou com a oração liderado por uma das diferentes denominações Cristãs presentes - a oração da noite fez-se em um Igreja Católica, Anglicana ou Ortodoxa. Houve apresentações de diferentes tradições e muito envolvimento de discussões em grupos pequenos. O papel dos religiosos na promoção da Unidade dos Cristãos foi um dos temas-chave a emergir.

No final de Janeiro, o Conselho Executivo reuniu-se com as **Novas Equipes de Liderança** e novos membros das equipes existentes para delinear os objectivos da UISG e suas atividades em Roma e no mundo. Nos dias 04-11 de

Fevereiro, o **Conselho de Delegadas** se reuniram em Nemi, na Itália, para refletir sobre o tema *Liderança para a Solidariedade Global*. As delegadas compartilharam sobre a vida religiosa em suas várias partes do mundo e refletiram sobre as muitas percepções bíblicas sobre o tema oferecido pela Irmã Teresa Okure, rhej (Nigéria). Durante o encontro, as delegadas ouviram as novas iniciativas que estão sendo planejadas pela UISG, em resposta à crise de refugiados e migrantes na Itália. Eles também participaram nos eventos organizados para a **Festa de Santa Bakhita (8 de Fevereiro)**. Papa Francisco tinha pedido as duas Uniões dos Superiores e Superiores Gerais para “*despertar o mundo*” em relação ao flagelo do tráfico e promover o 8 de Fevereiro como o Dia Internacional de Oração e da Sensibilização. Talitha Kum-o escritório de coordenação internacional da UISG liderada pelo Ir. Gabriella Bottani, cms- desempenhou um papel significativo na promoção deste dia internacional.

Nesta fase as delegadas de cada Constelação teram explicado aos seus membros o processo de **Planificação Estratégico** que está sendo atualmente realizado pelo Conselho Executivo da UISG. Neste Ano Jubilar, parece importante convidar os membros da UISG e outras pessoas com quem trabalhamos a ter tempo para avaliar o papel e a eficácia da UISG e de olhar para o futuro com coragem.

O novo **Serviço de Assessoria do Direito Canônico** que está sendo oferecido pela UISG foi lançado oficialmente em Fevereiro. Este serviço está disponível para todos os membros da UISG que podem contatar uma canonista residente em momentos específicos do ano. Os apontamentos podem ser arranjados para visitas ou para uma consulta telefônica/via skype. Irmã Mary Wright, ibvm (Austrália), estava disponível em Fevereiro e Sr. Marjory Gallagher, sc (Canadá), em Março. Futuras oportunidades serão anunciadas.

O **Conselho de Canónistas da UISG** recentemente criado, reuniu-se pela primeira vez, durante a primeira semana de Março. Este pequeno comitê de cinco religiosas canonistas que representam diferentes continentes está sendo coordenado pela Irmã Mary Wright, ibvm (Austrália). O objetivo do Conselho é a prestação de assessoria canônica aos líderes dos Institutos religiosos femininos na África, na Ásia e em outros lugares, a fim de fortalecer a contínua capacidade dos Institutos religiosos em prestar serviços valiosos no desenvolvimento de capacidades para a Igreja e sociedade. Dois futuros encontros importantes estão sendo organizados, um para religiosas canonistas (Novembro de 2015) e outro para as Superiores Gerais/Líderes Congregacionais pouco antes da Assembleia da UISG (Maio de 2016). Anúncios sobre estes dois encontros serem publicados em breve.

A **Conferência Internacional de Vocação (Roma)** de muito sucesso, organizada pela NRVC (Conferência Nacional de Vocações Religiosas da US), foi realizada durante os dias 23-27 de Fevereiro. Os participantes, em grande parte vieram de países que vivem o que está sendo chamado “crise vocacional”. Ir. Patricia Murray, ibvm, participou em nome da UISG. Foi um encontro muito positivo. A partir dos vários relatórios nacionais, é evidente que muitas diferentes aproximações



para o discernimento vocacional estão sendo oferecidas aos “buscadores”.

Uma **Breve Reflexão sobre a Reunião de Delegadas em Nemi** por Ir. Joyce Meyer, pbvm.<sup>2</sup>

Participar na Assembleia das Delegadas da UISG é sempre uma experiência desafiadora existencial. A pluralidade de rostos, de roupas, de línguas, entrelaça-se com o desejo de comunhão, de compreensão, de comunicação. Há uma atmosfera familiar, uma família religiosa bonita enriquecida por muitos carismas que circulam, se encontram, se iluminam reciprocamente no intercâmbio. O serviço, que cada uma das Delegadas exercem tanto no seu próprio Instituto como na sua Constelação, encontra benefício do contato com a realidade existente em diferentes partes do mundo.

Estamos respondendo a um dos maiores desafios da história da humanidade : o de relacionar-se com o outro livremente, de pensar em conjunto, de ouvir uns aos outros e planejar juntos. Cada uma de nós carrega consigo a bagagem de seu próprio povo, de sua própria experiência, de sua própria jornada. Para juntar tudo isso, faz com que a Assembleia de Delegadas seja um *unicum* (algo único) no mundo. Muito lentamente você virá a compreender não só o seu poder simbólico, mas a sua força real e inspiradora.

A vida religiosa está avançando para mais além. A forma de como ela está expressando-se, está em crise. As tradições são reconsideradas de acordo com as razões que os geraram. O mundo de hoje encaminha-se para novos campos de apostolado nas fronteiras. Há questões e problemas comuns que afetam vários Países. Na reunião da UISG emergem as feridas que precisam ser curadas; os estereótipos que devem ser verificadas por testemunhas locais; a falta de humanidade e espiritualidade nos Países de onde viemos e que isso surgiu no nosso diálogo, aumentando o desejo de um compromisso mais forte para curar todas essas feridas. Para aquecer o coração, para revigorar a chama do Espírito, para nos deixar ser desafiados no refletir juntos, fazendo perguntas em conjunto, a ser inquietos, é benéfico para a missão que realizamos no mundo e na Igreja. O progresso que a UISG fez e está fazendo é um presente rico e abençoado que é oferecido a todos nós, que vem do Evangelho e de mulheres corajosas.

---

<sup>1</sup> Carta apostólica do Papa Francisco às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada, 21 de Novembro de 2014.

<sup>2</sup> Ir. Joyce Meyer é Membro do Conselho de Diretores do Fundo Conrad N. Hilton para Religiosas.